Kelly Laranjeira Guedes Nunes

NARRANDO EXPERIÊNCIAS DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA PÚBLICA

Belo Horizonte

2013

Kelly Laranjeira Guedes Nunes

NARRANDO EXPERIÊNCIAS DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA PÚBLICA

Monografia apresentada ao curso de Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago.

Belo Horizonte

2013

“ESTE É O SABER DA EXPERIÊNCIA: O QUE SE ADQUIRE NO MODO COMO ALGUÉM VAI RESPONDENDO AO QUE VAI LHE ACONTECENDO AO LONGO DA VIDA E NO MODO COMO VAMOS DANDO SENTIDO AO ACONTECER DO QUE NOS ACONTECE”.

(JORGE LARROSA BONDÍA, 2002, P.27)

“SE NÓS SOMOS, SE TODO O INDIVIDUO É A REAPROPRIAÇÃO SINGULAR DO UNIVERSAL SOCIAL E HISTÓRICO QUE O RODEIA, PODEMOS CONHECER O SOCIAL A PARTIR DA ESPECIFICIDADE IRREDUTÍVEL DE UMA PRÁXIS INDIVIDUAL.”

(FRANCO FERRAROTTI, 1988, P. 27)

RESUMO

O professor é uma pessoa, e para ser assim entendido deve ser compreendido seu ser não apenas profissional, mas também pessoal. Um modo de conhecer este ser pessoal é por meio de sua história de vida. Assim, foi objetivo desse estudo narrar as experiências de uma professora de educação física na escola pública, buscando compreender sua formação pessoal em diálogo com sua formação profissional. Para este estudo foi utilizada a metodologia da observação participante, que envolveu observação de campo, participação, análise de avaliações de 127 alunos e uma entrevista semiestruturada com a professora. A pesquisa permitiu compreender que as experiências escolares e a história de vida estão intimamente vinculadas a atuação profissional. Por meio da narrativa da história de vida da professora Cristiane foi possível perceber que experiências familiares e escolares relacionam-se mutuamente e que a personalidade dela se construiu em meio a conflitos e superações. Em suas aulas e na percepção de seus alunos foi possível identificar traços de sua personalidade que aparecem também em sua narrativa referente à sua infância e experiências escolares, o que corrobora com a constatação de que é impossível separar o ser pessoal do ser profissional. Com base nos dados obtidos percebe-se a importância de conhecer a história de vida de um professor, pois é nela que se compreende sua profissão. As diversas experiências da vida, onde se situam as experiências escolares, influenciam a docência, as escolhas e atitudes perante as dificuldades. O passado está no presente, e permite melhor compreendê-lo. E reconhecido o professor como pessoa, ele pode, como sujeito, ser pensado e valorizado.

Palavras-chave: História de vida. Profissão docente. Educação Física.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO..... 4

2 INTRODUÇÃO..... 6

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... 9

3.1 Entrevista reflexiva..... 9

3.2 Análise documental..... 10

3.3 Observação e participação direta..... 11

4 A NARRATIVA DE UMA HISTÓRIA DE VIDA..... 12

5 UMA PROFESSORA NA PALAVRA DOS ALUNOS..... 20

5.1 Aspectos da personalidade..... 20

5.2 Conceito de Educação Física..... 22

5.3 Narração de experiências nas aulas..... 22

5.4 Autoconhecimento nas aulas..... 25

6 DIZENDO DE SI: UMA PROFESSORA CONTA SUA EXPERIÊNCIA..... 28

6.1 Contextualização..... 28

6.2 Momento da entrevista..... 29

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 58

REFERÊNCIAS..... 60

1 APRESENTAÇÃO

"É experiência aquilo que 'nos passa', ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma."
(Jorge Larrosa Bondía, 2002, P.25e 26)

Devido ao meu contato com a escola enquanto aluna, por ter tido experiências quando criança, adolescente e jovem no ambiente escolar, que hoje estão no saudosismo, desenvolvi o desejo de permanecer na escola mesmo depois de passar pela educação básica. Isso eu alcançaria sendo uma professora. Por ter tido na Educação Física um relacionamento maior com meus colegas e por reconhecer a área como um tempo de maior possibilidade de contato com os alunos, optei pela Educação Física como meu objeto de ensino e me inseri na Universidade Federal de Minas Gerais em 2010, no primeiro semestre. Seguindo este trajeto decidi cursar a licenciatura e me inserir o quanto antes na escola.

Interessei-me pela área do lazer e pude conhecê-la melhor por meio da minha inserção no grupo Programa de Educação Tutorial (PET) – Educação Física e Lazer no meu segundo período de graduação, em setembro de 2010 e no OTIUM - Lazer no Brasil e na América Latina em 2011. Por meio de pesquisas, ensinos e extensões pude me debruçar na temática e enriquecer minha formação enquanto pessoa e educadora.

Mas eu percebi que faltava a inserção na escola e sentia a necessidade de lidar com os conflitos e significados escolares antes de concluir meu curso. Queria ter alguém para me auxiliar neste processo de educação e foi neste momento que apareceu a oportunidade de me inserir no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), no segundo semestre de 2012, com o José Angelo Gariglio como professor coordenador. Neste programa eu acompanhei a professora Cristiane Guieiro junto a outros quatro bolsistas na Escola Estadual Pedro II (EEPII). O PIBID Educação Física tem como objetivo principal a iniciação dos bolsistas à docência por meio do acompanhamento do cotidiano escolar, da prática de regência de aulas e produção de registros destas práticas.

No tempo que estive na EEPII acompanhando a Cristiane pude aprender muito e ressignificar conceitos que tinha a respeito da inserção da Educação Física na escola. Tenho me espelhado na Cristiane por perceber nela o interesse em não apenas ministrar

conteúdos da área, mas de tornar estes conteúdos significativos para os alunos e por meio deles educá-los para a vida.

Em uma roda de conversa na EEPII duas alunas manifestaram um descontentamento que já me incomodava; elas questionaram o porquê de vários professores se graduarem na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), terem o mesmo currículo básico e quando formados assumirem uma postura tão diferente. No caso, alguns se tornarem meros reprodutores do conhecimento e outros se tornarem verdadeiros educadores, e apontaram a Cristiane como exemplo. O questionamento que ficou para mim foi: - Se não é somente a Universidade, o que faz com que os professores sejam tão diferentes no trato com a área do conhecimento? As experiências do professor influenciam no seu modo de ministrar suas aulas?

Tendo como norteadoras as questões acima pretendo por meio deste trabalho buscar inspirações e referências a respeito da temática escolhida, permitindo que o conhecimento não se esgote, mas gere mais questões a serem pesquisadas. Compreendo que são vários os fatores e questões que poderiam ser pesquisadas para compreender este fenômeno na formação de professores, mas em minha pesquisa focarei na relação entre aspectos pessoais e profissionais de um professor para compreender sua relação com o seu objeto de ensino.

O presente trabalho objetiva compreender a relação entre o eu pessoal e o eu profissional de uma professora de Educação Física. Conhecer a história de vida de Cristiane Guimarães e narrar suas experiências tendo em vista a influência de seu trajeto histórico no seu ofício de educadora.

2 INTRODUÇÃO

> *"Este processo partilhado de construção de subjetividades é o que compreendo como formação humana."*
> *(José Alfredo Debortoli,1999,p.106)*

O professor é uma pessoa, e para ser assim entendido deve ser compreendido seu ser não apenas profissional, mas também pessoal. Uma maneira de conhecer este ser pessoal é através de sua história de vida. A opção pela abordagem biográfica por meio da narração de uma história de vida ocorreu devido à necessidade de conhecer não apenas fatos vividos, mas também sentidos e significados dos acontecimentos na infância, na adolescência, na juventude e vida adulta, podendo assim perceber como as experiências passadas e presentes influenciam a ação docente (NÓVOA, 2000).

O professor que se encontra em uma escola traz consigo uma bagagem não apenas teórica de conhecimentos adquiridos em sua formação acadêmica, ele traz lembranças de seu tempo na escola como aluno, traz recordação da família e outras pessoas que fizeram parte da sua vida. Narrar a sua história confere ao professor o papel de protagonista na construção do conhecimento, colocando em foco não o que ele sabe, mas quem ele é. Valorizando seu percurso histórico, sua memória, o conhecendo como pessoa.

Como afirma Nóvoa (2000, p.10):

> "Esta profissão precisa de se dizer e de se contar: é uma maneira de a compreender em toda a sua complexidade humana e científica. É que ser professor obriga a opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser".

Observar um professor em seu ambiente de trabalho permite ao pesquisador perceber aspectos pessoais que se manifestam em seu modo de ensinar. E passa a ser um aspecto a ser compreendido o modo como se exerce influência tanto as características da pessoa no ambiente em que trabalha quanto o modo como o ambiente que o sujeito trabalha exerce influência sobre ele (HUBERMAN, 2000).

O contato com as experiências de uma professora permite que as propostas sobre a profissão docente e sua formação sejam elaboradas com a maior proximidade do sujeito a quem elas serão direcionadas (NÓVOA, 2000). Este contato com a história de vida de um professor contribui também na formação de docentes, que por meio do

contato com o outro constrói a si mesmo. Dentre os aspectos positivos das abordagens biográficas destaco a apresentada por Nóvoa (2000, p. 8):

> "As abordagens (auto) biográficas podem ajudar a compreender melhor as encruzilhadas em que se encontram atualmente os professores e a delinear uma profissionalidade baseada em nossas práticas de investigação, de ação e de formação".

Deve-se compreender a importância e o papel desempenhado pelos professores na educação, pois como aponta Arroyo (2011, p.10):

> "Quando pensamos na saúde de nossos filhos ou da infância, não pensamos no hospital, mas no médico. Saúde nos lembra os médicos. Educação nos lembra a escola, não seus profissionais, os educadores. Estes não conseguem ser a referência, mas a instituição escola."

Há o desafio de "recuperar os sujeitos na ação educativa." (ARROYO, 2011, p.10). Reconhecer a importância e o papel desempenhado pelos professores na educação. Como proposto por Arroyo (2011, p. 10):

> "Recuperamos o direito à Educação Básica universal para além de 'toda criança na escola' se recuperarmos a centralidade das relações entre educadores e educandos, entre infância e pedagogos. Colocando seu oficio de mestre no centro da reflexão teórica e das políticas educativas. Colocando os conteúdos e os métodos, a gestão e a escola como mediadores desta relação pessoal e social. Como meios. Deixando de ver os professores(as) como recursos e recuperando sua condição de sujeitos da ação educativa com os educandos."

Para conhecer e reconhecer o professor como sujeito na ação educativa é preciso dar a ele centralidade. Conhecer o percurso acadêmico é um meio de compreender escolhas e trajetos da vida, mas a história se escreve desde o nascimento, sendo assim, para conhecer um professor é preciso retornar ao seu tempo como aluno. Conhecer sua história de vida, pois, como afirma Arroyo (2011): "Educar incorpora as marcas de um oficio e de uma arte, aprendida no diálogo de gerações. O magistério incorpora perícia e saberes aprendidos pela espécie humana ao longo de sua formação." (p.18)

Narrar experiências de um professor é um modo de reconhecê-lo e valorizar seu oficio. Como bem enfatiza Diniz – Pereira (2009, p.242)

> "As pesquisas narrativas e, particularmente, a metodologia de histórias de vida são métodos privilegiados para o estudo das vidas dos/as professores/as, de suas experiências e da forma como constroem suas identidades múltiplas".

E um complemento a este raciocínio é encontrado no discurso de Estrela (1997, p.9), ao destacar que: “essa literatura tem contribuído para ‘desocultar’ uma profissão que todos conhecem do exterior, mas cuja interioridade só muito dificilmente se vem abrindo a olhares a ela alheios”. Tornar visível esta profissão que está oculta a muitos é um modo de valorizá-la. A aproximação com o cotidiano escolar permite compreender a centralidade que este profissional exerce nesta instituição, como se pode encontrar nas palavras de Arroyo (2011, p.19): “são eles e elas que a fazem e reinventam”.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

> *"O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana".*
>
> (*Jorge Larrosa Bondía* , 2002, p.26)

A pesquisa é de natureza biográfica, com o propósito de narrar a experiência de uma professora de Educação Física entrelaçada com sua história de vida e sua docência, pois acredito que:

> "este interesse renovado pelas 'histórias de vida' ajude a estimular novas investigações e estudos, que contribuam para produzir um pensamento propriamente pedagógico (e não apenas antropológico, histórico, psicológico ou sociológico) sobre a profissão docente". (NÓVOA, 2000, p.10)

O trabalho seguiu a metodologia de observação participante, definida por Denzin (1978, apud LÜDKE; ANDRÉ, 1986), como "uma estratégia de campo que combina simultaneamente a análise documental, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação direta e introspecção" (p.183). Abaixo serão descritos separadamente cada um destes métodos e seus referenciais.

3.1 Entrevista reflexiva

A entrevista realizada com a professora de Educação Física, Cristiane Guieiro Guimarães, foi semiestruturada, que como apontado por Szymanki, Almeida e Prandini (2011, p.19):

> "Não há um roteiro fechado – ele pode ser visto como aberto no sentido de basear-se na fala do entrevistado (...) mas os objetivos da entrevista devem estar claros, assim como a informação que se pretende obter, a fim de se buscar uma compreensão do material que está sendo colhido e direcioná-la melhor."

A entrevista foi elaborada com base no roteiro sugerido pelas autoras, os objetivos foram estabelecidos e as questões elaboradas com base na definição feita por Szymanki (2011), denominada por ela como entrevista reflexiva, na qual no momento da entrevista ocorre o contato inicial, a condução da entrevista [aquecimento, questão desencadeadora, expressão da compreensão, sínteses, questões (esclarecimento,

focalizadoras, aprofundamento)] e a devolução. A entrevista foi elaborada e pensada seguindo estas orientações. Este modo de pesquisa é definido com base:

> "Na consideração da entrevista como um encontro interpessoal no qual é incluída a subjetividade dos protagonistas, podendo se constituir um momento de construção de um novo conhecimento, nos limites da representatividade da fala e na busca de uma horizontalidade nas relações de poder, a qual chamamos de *reflexiva*, tanto porque leva em conta a recorrência de significados durante qualquer ato comunicativo quanto pela busca da horizontalidade". (SZYMANKI, ALMEIDA E PRANDINI, 2011, p.15)

A devolução sugerida pela autora ocorreu antes da entrevista iniciar, pois por meio do método da observação participante foi possível obter dados sobre a história de vida da professora, e considerando que "a autoria do conhecimento é dividida com o entrevistado, que deverá considerar a fidedignidade da produção do entrevistador." (SZYMANKI, 2011, p.55), optei por apresentar as informações obtidas à professora e após a confirmação da fidedignidade das informações iniciei a entrevista. As questões da entrevista eram referentes aos tempos de escolarização, escolha profissional, memórias da graduação, experiência docente e planos futuros da professora.

3.2 Análise documental

A análise documental ocorreu como uma maneira de "complementar as informações obtidas por outras técnicas de coleta." (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p.39) Foram analisadas 127 provas realizadas pelos alunos da professora Cristiane, divididos em quatro turmas, ao final do ano letivo, no qual eles estavam no terceiro ano do ensino médio. Foi uma prova bimestral realizada no 4º bimestre de 2012, por uma turma na qual ela lecionou por três anos, acompanhando-os desde o primeiro ano do ensino médio.

Nas instruções iniciais sobre a avaliação retirei duas instruções que revelam a intenção da professora com a prova, foram elas: "Nesta prova não há resposta certa ou errada" e "Haverá o relato da experiência de vocês em relação ao nosso convívio a partir da disciplina de Educação Física" seguindo essa lógica optei por analisar a ultima questão da prova em que há a tarefa de:

> "A partir das ideias apresentadas no texto ' Metamorfose Ambulante' e sua experiência nas aulas de Educação Física nesses 3 últimos anos, expresse sobre a seguinte pergunta: **Em que me transformei nesses anos?** Use o verso da folha para poetizar, desenhar, narrar, dissertar. Seja criativo ao se expressar. Vale até fazer colagem de gravuras, fotos, escrever letras de música. Eu quero ver, ler, entender você além da escrita convencional. Mas lembre-se, é preciso estar relacionado à Educação Física e ao texto."

E depois desta questão havia um espaço para livre manifestação. A prova foi dividida pela professora em três sessões. Ao ler a prova de todos os alunos pude perceber que nestes dois espaços da sessão 3 da prova muitas características e percepções dos alunos sobre a professora e seu modo de ministrar a disciplina foram revelados, por esse motivo optei por analisar esta sessão da prova. Segui em minha análise o apontamento de Lüdke e André (1986):

> "Depois de organizar os dados, num processo de inúmeras leituras e releituras, o pesquisador pode voltar e examiná-los para tentar detectar temas e temáticas mais frequentes. Esse procedimento, essencialmente indutivo, vai culminar na construção de categorias ou tipologias." (p.42)

As categorias foram pensadas com base em dados que eram semelhantes em diferentes provas, a partir do agrupamento dessas semelhanças elaborei quatro categorias, que são elas: aspectos da personalidade da professora; conceito de Educação Física; narração de experiências nas aulas e autoconhecimento nas aulas. Atentando em cada uma dessas categorias para aspectos relacionados aos alunos e à professora. Dentre as questões da terceira sessão da prova de 127 alunos realizei uma transcrição de dados que estavam relacionados a essas quatro categorias e fiz seu agrupamento.

3.3 Participação e observação direta

Durante um ano, no período do segundo semestre de 2012 ao primeiro semestre de 2013, realizei observações diretas das aulas de Educação Física e de outras práticas de ensino da professora Cristiane, na EEPII. Afinal, compreendendo que: "A observação direta permite que o observador chegue mais perto da 'perspectiva dos sujeitos', um importante alvo nas abordagens qualitativas" (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.26).

Tais observações foram registradas em caderno especifico e tornaram-se fontes importantes deste trabalho. Foram também consultados documentos produzidos pela professora, tais como: planos de ensino, provas, projetos, textos produzidos pela

professora, dentre outros. Busquei seguir a proposta de Vianna (2003, p.12), apontando que: “ao observador não basta simplesmente olhar. Deve, certamente, saber ver, identificar e descrever diversos tipos de interações e processos humanos.”

4 A NARRATIVA DE UMA HISTÓRIA DE VIDA

> *"Somos o lugar onde nos fizemos, as pessoas com quem convivemos. Somos a história de quem participamos. A memória coletiva que carregamos."*
>
> *(Miguel G. Arroyo, 2011, p.14)*

Usando das palavras de Nóvoa (2000, p.16), buscarei responder algumas perguntas por ele elaboradas narrando a história de vida de Cristiane, contando algumas relações dela enquanto aluna com a escola e também com a Educação Física. As questões que o autor levanta são:

> "Como é que cada um se tornou o professor que é hoje? E porquê? De que forma a acção pedagógica é influenciada pelas características pessoais e pelo percurso de vida profissional de cada professor?"

Filha mais velha, com dois irmãos e pais divorciados, Cristiane teve muitos desafios ainda criança, que influenciaram seu modo de lidar com os problemas e dificuldades em sua docência. Seus pais abdicaram de suas responsabilidades como provedores do lar e ela teve que mudar de escola, para uma mais próxima de casa, pois sabia que não teria como contar com o investimento em transportes para sua antiga escola. Essa situação a obrigou a assumir, ainda jovem, muitas responsabilidades dentro do seu lar. Ainda nos dias de hoje grande parte de seu salário é revertido para seus pais, que dependem de seu sustendo. Como ela diz, os papeis inverteram-se, de uma criança que era sustentada pelos pais ela passou a ser uma fonte de renda na família.

Estas questões familiares influenciaram em seu modo de lidar com suas turmas, como um dia em que na sala de aula após ter passado por uma situação em que os alunos tentaram prejudicá-la ela comentou: "- Vocês podem até tentar, mas nunca conseguirão ser tão hostis como meus pais foram comigo." Isso dialoga com o que Nóvoa (2000) afirma "É impossível separar o *eu* profissional do *eu* pessoal". (p.17) Pois como é possível perceber na situação citada anteriormente, na sala de aula ele citou seus pais e o modo como eles já a trataram, revelando aspectos pessoais da professora.

Quando criança costumamos ter uma inspiração, nossa imaginação nos leva a desejar ser alguém que não somos e muitas vezes, assumimos papeis de personagens que gostamos. Perguntam-nos: - O que você quer ser quando crescer? E a esta pergunta a Cristiane tinha uma resposta, na qual sempre dizia: - Super-heroína! Seu fascínio era

por super heróis, e tinha guardado em si o desejo de ser como eles. Observando sua atuação na escola, posso dizer que ela conseguiu realizar este desejo, pois como uma aluna sua aponta: “- Obrigada, Cristiane Guieiro, por mostrar que eu sou capaz de ir além!” Isso certamente, é um heroico trabalho exercido por ela na vida de um aluno.

Na escola, enquanto aluna na educação básica, ela enfrentava também dificuldades nos seus relacionamentos com os colegas e com disciplinas exatas. Ela narra um episódio em que estudava em uma escola onde as turmas eram divididas de A até D por rendimento do aluno, ela sempre ficou entre as turmas C e D, pois mesmo com facilidade na escrita ela tinha muita dificuldade em matemática. Era comum ocorrer uma prova diagnóstica que indicava o rendimento do aluno e com base nos resultados, os alunos poderiam ser transferidos de turma.

A prova diagnóstica continha questões relacionadas à interpretação de texto e gramática, raciocínio lógico e uma redação. Ao sair o resultado das provas a inspetora da escola chegou à sua sala e a chamou dizendo que ela mudaria de turma. Como a Cristiane imaginava que ela não mudaria de turma (ela estava na turma D e no caso quem fosse chamado iria para uma turma melhor), ela estava distraída e nem ouviu a moça lhe chamar, até que um colega a cutucou e disse que ela iria para outra turma. Quando souberam que era a turma A um menino se expressou dizendo que não era possível isso, pois a Cristiane era burra e nem mesmo a professora que estava na sua sala no momento acreditou que isso era possível.

Ao chegar à turma A a professora disse que não era possível ela permanecer naquela turma, pois ela não iria conseguir acompanhar o ritmo dos alunos, e a inspetora disse que esse já era um problema e função da professora, inseri-la na turma e torná-la capaz de acompanhá-los, pois ela seria capaz. A Cristiane chorava em casa e pedia para seus pais a mudarem de turma, pois ela não conseguia acompanhar o desempenho dos outros alunos. Nas primeiras provas ela tirou zero, seu desejo era voltar para a turma D. Mas hoje ela percebe o quanto esse desafio foi bom para ela.

A Cristiane soube que o motivo dela ter mudado de turma havia sido sua nota na redação, mas ela não compreendia o porquê, até estudar em psicopedagogia (em sua pós-graduação) as teorias de Freud. De acordo com ele é na moral que é possível perceber se um aluno poderá ser bom em disciplinas de raciocínio lógico. Como a redação que ela fez continha uma questão relacionada à moral, a inspetora soube perceber este potencial que ela possuía de aprender as outras disciplinas e a colocou na

melhor turma, o que comprovou a teoria, pois a Cristiane conseguiu melhorar seu desempenho, com o tempo, naquela turma.

Cristiane sempre gostou e praticou as aulas de educação física em suas escolas. Houve em uma de suas escolas uma disputa de pular corda e havia em sua sala muitas meninas boas que com certeza participariam da disputa e Cristiane animou duas amigas suas de se inscreverem com ela, as três combinaram de treinar nos intervalos das aulas. No dia da disputa elas estabeleceram uma meta: "não parem de bater e eu não paro de pular". Uma professora que estava observando os trios que disputavam, ao ver ela e suas amigas disse que não perderia seu tempo as vendo pularem e saiu de perto delas.

A Cristiane disse que isso só a motivou mais a seguir com sua meta. Quando a competição iniciou ela começou a pular e não parou mais, disse que só pensava em pular e não prestava atenção ao seu redor. Em um momento percebeu alguns meninos olhando para elas e comemorando, mas ela nem deu importância e continuou pulando. Até que uma professora segurou na corda que ela pulava e disse que já havia acabado, que elas venceram. Sua professora que duvidou delas depois se desculpou. Ela tem a medalha guardada até hoje e quando comenta sobre este fato, se emociona.

Essa sua persistência e empenho em exigir o melhor de si se reflete também em seu modo de ministrar suas aulas e de exigir dos alunos. Como se pode observar em alguns depoimentos:

> "Cris, obrigada por acreditar na capacidade de cada um de nós. Agradeço também pela transformação, que me fortificou perante a vida. Parabéns por ser essa profissional brilhante!" (I – 302)

> "Acredito que você Cristiane, foi uma das poucas pessoas que nessa altura do campeonato ainda teve a mesma ou maior fé nos alunos, teve a mesma força que no inicio do projeto. Levo desses anos um aprendizado quanto à responsabilidade, insistência e lutar sempre no que acredita. Acho que nós alunos e alunas é que temos que agradecer por termos feito parte da sua carreira profissional!" (AT – 304)

Estes recortes revelam aspectos da personalidade da professora, que está de acordo com o que Nóvoa (2000) defende, ao dizer que:

> "Hoje sabemos que não é possível separar o *eu* pessoal do *eu* profissional, sobretudo numa profissão fortemente impregnada de valores e de ideais e muito exigente do ponto de vista do empenhamento e da relação humana". (p.9)

Enquanto Cristiane leciona, não é apenas uma professora que está em frente à turma ministrando um conhecimento, é uma pessoa que carrega consigo uma história e dialoga com o conhecimento transmitido, de modo que o que ela ensina não são apenas conteúdos, são também suas percepções sobre a vida e sua história. Pois, ela foi aluna, e carrega consigo suas lembranças e seu trajeto de vida, de modo que na arte de educar, ela revela quem ela é, desde a escolha do tema, à preparação e planejamento, ao lecionar. Este percurso se fez antes dela se colocar em frente à turma, e neste percurso ela primeiro aprendeu, para depois ensinar. Ela se relacionou com o conteúdo e o transmitiu, compartilhando no seu saber-fazer, traços do seu ser.

Com base na entrevista realizada com a professora pude identificar também um diálogo com o "Ciclo de vida profissional dos professores" proposto por Huberman (2000). Neste ciclo há relação entre os anos de carreira e as fases/temas da carreira. O próprio autor apresenta que "é um modelo esquemático e especulativo" (p.48), mas que agrupa tendências sinalizadas por ele em seu estudo. De acordo com ele a Cristiane estaria no ciclo de estabilização, por volta dos 4 a 6 anos de carreira, que é quando ocorre uma escolha subjetiva de comprometer-se com a educação no mínimo de 8 a 10 anos e um ato administrativo, a nomeação oficial. Como apresentado por ele (HUBERMAN, 2000, p.40):

> "Em que é que consiste a estabilização no ensino? Em termos gerais, trata-se, a um tempo, de uma escolha subjectiva (comprometer-se definitivamente) e de um acto administrativo (a nomeação oficial). Num dado momento, as pessoas 'passam a ser' professores, quer aos seus olhos, quer aos olhos dos outros, sem necessariamente ter de ser por toda a vida, mas, ainda assim, por um período de 8 a 10 anos no mínimo."

No caso da Cristiane Guimarães, ela foi nomeada na EEPII e apresenta em seu depoimento: "tenho colocado para mim que em sala de aula eu quero ficar no máximo, no máximo dez anos em sala de aula" (GUIMARÃES, 2013). Estes dados comprovam a constatação de que ela estaria na fase de estabilização no ensino.

Huberman também diz respeito à narrativa, ele aponta que:

> "uma narração é, em grande parte, mais uma reinterpretação do que um relato. É o facto de querer dar um sentido ao passado e de o fazer a luz do que se produziu desde então até o apresente que nos leva até um modelo mais tranformacionista, mais 'construtivista' da memória do que aquilo que se imagina intuitivamente." (HUBERMAN, 2000, p.58)

Este movimento ocorreu no momento da entrevista com a professora, que pôde relembrar de seu tempo de escolarização, escolha profissional, graduação e atuação. E durante o depoimento ela faz relações entre seu passado e presente, dando sentido ao que lhe aconteceu, como na fala abaixo:

> "E a gente tinha muita, muitas apresentações, a professora valorizava muita essa questão da gente ser sempre o protagonista das ações. E eu acho que isso veio caminhando comigo até hoje, isso é bem presente." (GUMARÃES, 2013)

Há também a importância de ouvir a professora na narração de suas experiências e não apenas consultar seus documentos e sua prática, pois como Huberman (2000, p.55):

> "É evidente que a pessoa que mais sabe de uma trajectória profissional é a pessoa que a viveu. Do mesmo modo, a maneira como essa pessoa define as situações com que se viu confrontada desempenha um papel primordial na explicação do que se passou."

A compreensão dos fatos vividos é rica quando feita por quem a viveu. Miguel Arroyo também aborda sobre a importância de lembrar-se dos mestres que tivemos em nossa trajetória, e sobre a importância que temos na continuidade do trabalho realizado na formação humana e como que esta ação pode ter um reconhecimento na defesa de nossos direitos profissionais, nas palavras de Arroyo (2011):

> "Guardamos em nós o mestre que tantos foram. Podemos modernizá-los, mas nunca deixamos de sê-lo. Para reencontrá-lo, lembrar é preciso." (p.17)

> "Falar do oficio de mestre pode nos remeter ao passado, superado para alguns. Passado-presente, no meu entender, a ser recuperado. O que importa é através dessa expressão – oficio de mestre – e do passado que carrega entender-nos como continuadores de um saber-fazer enraizado no passado, em uma história. Fazemos parte dessa história. Vamos nessa estrada acompanhados por muitos mestres das artes de educar. Identificar nosso saber-fazer com essa memória poderá dar outra qualidade às lutas em defesa dos direitos profissionais." (p.24)

Foi identificada nas palavras de Cristiane uma continuidade que ela realiza ao processo educativo que recebeu. Ela comenta sobre seus professores da educação básica que trabalhavam com equipes na escola em horário extraclasse, exercendo um trabalho voluntário, e ela reconhece que têm em seu trabalho atitudes semelhantes a eles, como apontado em sua fala abaixo:

> "Eles gostavam tanto do que faziam que eles davam esse tempo a mais para poder treinar as equipes de graça. Então eu acho que hoje eu sou um pouquinho do que eles foram." (GUIMARÃES, 2013)

Existe também a importância de dialogar a respeito da identidade do educador, e ao abordar sobre este tema Nóvoa (2000) aponta que "a identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão". (p.16) E Cristiane discute um pouco sobre este aspecto de conflitos, ela diz:

> "Ambiente confortável nenhum faz a gente avançar, então apesar de tudo o que eu passei para chegar até aqui hoje eu acho muito bom, porque se meu ambiente tivesse sido muito confortável, tudo dentro daquele padrão, hoje eu ia ser uma professora padrão e eu sei que eu não sou uma professora padrão." (GUIMARÃES, 2013)

Cristiane assume-se como uma professora fora do padrão, e no tempo que eu a acompanhei e na entrevista realizada foi possível perceber atitudes e reflexões que confirmam sua fala. E essa sua postura torna-se um aspecto importante de se destacar, pois muito se comenta sobre crises na educação e na Educação Física, e ao abordarem sobre esse assunto, Tardif e Lessard (2011, p.257) ponderam que: "a saída de crise passa pela renovação, pela inovação, pela mudança, que, de certa forma por definição, encarnam o progresso."

As aulas da professora Cristiane Guimarães dialogam com essa renovação, inovação e mudança. São estes aspectos que tornam sua aula diferente, como apontado por seus alunos:

> "Controlar impulsos, pensar antes de agir, concentração e disciplina, aprendi a controlar tudo isso com estes três anos de uma Educação Física diferenciada e especial. [...] É Cris, devo muito a você, obrigada por me tornar uma pessoa melhor, fugir da alienação. Devo muito a você, nunca deixe de ser essa pessoa e professora maravilhosa que você é! Sentirei saudades!!" (PS – 304)

> "Aprendi a conhecer meu corpo [...] aprendi a ser solidária com meus colegas de classe [...] aprendi que tenho que ajudar os outros para ser ajudada também. E o principal de tudo, aprendi que devo me esforçar para ser o melhor que posso ser, aprendi que com esforço tenho competência para tudo.[...]" (NM – 303)

As aulas de Educação Física na EEPII não são "diferentes" devido à escola ou ao seu Projeto Político e Pedagógico, afinal, o espaço e documentos não fazem as aulas

e não são capazes de gerar nos alunos estes aprendizados, como citados acima. Dialogo com Nóvoa (2000, p.17), quando ele anuncia:

> "A maneira como cada um de nós ensina está directamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino: 'Será que a educação do educador não se deve fazer mais pelo conhecimento de si próprio do que pelo conhecimento da disciplina que ensina?"

Compreendo com a fala de Nóvoa a importância que há no educador se conhecer e reconhecer a influência que sua história de vida possui no seu ato de educar, pois ao ensinar o professor se revela como pessoa e este aspecto pessoal interfere na formação de seus alunos às vezes mais do que o conteúdo que ele leciona. E nossas experiências nos educam, por isso a importância de torná-las públicas e acessíveis a outros educadores que poderão se identificar com fatos vividos e aprender no diálogo com o outro.

5 UMA PROFESSORA NA PALAVRA DOS ALUNOS

"Minha preocupação sempre foi o sujeito e não [só] a disciplina."
(CRISTIANE GUIMARÃES, 2013)

Apresento abaixo trechos das avaliações realizadas pelos alunos do 3º Ano do Ensino Médio, como parte do planejamento da professora Cristiane, no 4º bimestre de 2012, na EEPII. Os dados são apresentados conforme o agrupamento que realizei na categorização.

5.1 Aspectos da personalidade

Apresento abaixo trechos retirados da sessão três da prova realizada pelos alunos, como dito anteriormente, e neste tópico selecionei falas que tem como assunto central aspectos da personalidade da professora Cristiane. Seguem abaixo essas falas de seus alunos:

"Quero somente agradecer por todos os gritos, xingos e elogios. E saiba Cris jamais me esquecerei de tudo que aprendi com você, muito obrigada." (AM – 301)

"Quero agradecer pela total dedicação nesses últimos 3 anos, mesmo com todos os estresses e cobranças tenho certeza que valeu a pena para todos nós. Afinal, a gente aprendeu muito com você, e você aprendeu um pouco com a gente." (PN – 301)

"Obrigada por nos ajudar a crescer e a desenvolver um pensamento mais crítico. Obrigada pela pressão e os berros, eles resolvem. Obrigada pelo carinho e pela preocupação. Obrigada pela atenção e conselhos. E nunca pense que errou em algum momento, crescemos com seus erros e você com os nossos. Mais uma vez obrigada." (AC – 302)

"Professora Cris, obrigada pela paciência e por executar seu trabalho de forma tão bonita, trazendo para nós, alunos, novas experiências; mais autonomia e, consequentemente, mais liberdade. Nunca me esquecerei de tudo o que aprendi sobre o psicológico humano e posso dizer, tranquilamente, que as aulas de Educação Física são inesquecíveis. Obrigada!" (FC – 302)

"Primeiro ano: queria te matar. Segundo ano: Te amo, inspiração. Terceiro ano: Inspiração, hoje necessidade de ter você ao meu lado. Mais que uma professora, uma amiga para todas as horas." (LR – 302)

“Cris, obrigada por acreditar na capacidade de cada um de nós. Agradeço também pela transformação que me fortificou perante a vida. Parabéns por ser essa profissional brilhante!” (I – 302)

“ Hoje sinto orgulho de dizer que participei deste projeto grandioso e maravilhoso e sou eternamente grata a você Cris pelo ensinamento para a vida que você nos concedeu” (ID – 302)

“Cris ao me referir a um profissional competente sempre me lembrarei de você! Nunca tive um educador tão eficaz quanto você! Muito obrigada por ter sido tão boa, mesmo com chamadas de atenção necessárias, seu ensinamentos fazem parte hoje do meu caráter e vou levá-los comigo para sempre” (MLK – 303)

“Acredito que você Cristiane foi uma das poucas pessoas que nessa altura do campeonato ainda teve a mesma ou maior fé nos alunos, teve a mesma força que no inicio do projeto. Levo desses anos um aprendizado quanto à responsabilidade, insistência e lutar sempre no que acredita. Acho que nós alunos e alunas é que temos que agradecer por ter feito parte da sua carreira profissional!” (AT – 304)

“Considero que as aulas de Educação Física me fizeram crescer como pessoa, com os tantos sermões passados pela professora com o melhor intuito para os alunos. Espero que muitos outros jovens possam ter essa experiência de aula e levar para suas vidas pessoais assim como levarei.” (T – 304)

“Parabenizo-a pela ótima professora e uma bela pessoa de caráter forte” (JPS – 303)

“Obrigada Cris. Cresci muito aprendendo com você [...] E espero ser uma profissional tão sensata e centrada como você. Você fez a diferença.” (T – 303)

“Professora Cristiane, o prazer foi meu de ter tido uma professora tão competente como você. Continue assim sua disciplina e competência com tudo que você faz, é inspiradora para todos os alunos. Obrigada por tudo, principalmente por ter mudado minha visão sobre a Educação Física.” (NM – 303)

Muitas são as características explicitadas a respeito da professora na fala de seus alunos, e estes aspectos permitem compreender o quanto ela se revela como pessoa no seu oficio de professora. Há também o reconhecimento de seus alunos na influência que ela exerceu na educação deles como pessoas e no aprendizado que eles tiveram para a vida.

5.2 Conceito de Educação Física

Apresento neste tópico falas que representam mudanças no conceito de Educação Física dos alunos, alguns apresentam o conceito que possuíam da disciplina antes de conhecer a professora e depois do tempo que tiveram aula com ela, outros explicam seu entendimento do que é a disciplina. Seguem abaixo essa revelações:

"Antigamente a Educação Física para mim estava baseada só em esportes, hoje posso dizer com orgulho que Educação Física é uma profissão que não ensina não só o esporte, mas também nos ajuda a conhecer "o Eu", o Eu da sociedade; o Eu das pessoas; o Eu de se conviver; o Eu com o conhecimento. Por isso, agradeço você Cris por ter feito parte da minha formação e me mostrado grandes conceitos da vida." (GG – 301)

"Não conseguia imaginar uma Educação Física sem bola [...] Com ela também aprendi/não é preciso quadra ou muito espaço/é só ter criatividade/e responsabilidade no que faço." (JG – 301)

"Educação Física vai além dos exercícios, permite um aprofundamento de entendimentos e conhecimentos. Nesses últimos 3 anos eu pude perceber que no meio da palavra Educação Física existem tantas outras coisas importantes, é necessário aptidão física, podemos ver o lado emocional de nossas personalidades e aprendemos a ultrapassar as barreiras, dando o melhor de nós independente da dificuldade. Quero agradecer por tudo que me foi proporcionado e dizer que todos os sermões valeram a pena. Sentirei sua falta Cris!" (VN – 301)

"Pude aprender que Educação Física vai além de brincadeiras ou esportes, pode ser considerada uma aula de educação corporal. Ajudou-me a conhecer os limites do meu corpo." (A – 302)

"Relacionar nossas vidas com a Educação Física foi um aprendizado incrível nestes dois anos que estudei no Pedro II. Por toda a minha vida recebi aulas de Educação Física simples, sem o intuito de identificar como uma matéria necessária para nossa vida. Neste ano decisivo para nossa vida, as aulas dessa matéria nos mostrou como conhecer o nosso corpo, nossa mente para poder estar preparada para realizar provas que resolverão nossas vidas." (JP – 302)

"Aprendemos juntos o que é a Educação Física, que esta matéria tem conteúdo teórico e que, diga-se de passagem, no primeiro ano era a prova mais difícil. [...] Cris, fico muito feliz por ter tido aula com você nesse três anos. Não pare de passar para seus alunos o

que é a Educação Física, são poucos os professores competentes iguais a você. Belo trabalho!" (DC – 304)

"Nunca soube como era adquirir conhecimentos incríveis em uma matéria em que desde sempre achei que era apenas praticar esportes, desinteressante e sem importância. Mas vejo agora que estive errada em pensar assim." (C – 304)

"Controlar impulsos, pensar antes de agir, concentração e disciplina, aprendi a controlar tudo isso com estes três anos de uma Educação Física diferenciada e especial. [...] É Cris, devo muito a você, obrigada por me tornar uma pessoa melhor, fugir da alienação. Devo muito a você, nunca deixe de ser essa pessoa e professora maravilhosa que você é! Sentirei saudades!!" (PS – 304)

" Esse três anos aqui no Pedro II conseguiram me mostrar que a teoria da Educação Física é bem interessante, talvez mais do que a prática. Estudar como o meu corpo pode influenciar na sociedade é algo que me deixou fascinada. E uma crítica é que acho que a Educação Física da escola pública é bastante precária e difícil, pois em três anos aqui com este projeto eu consegui aprender o que eu não consegui em todo o ensino fundamental. Que as aulas aqui no Pedro II continuem com essa mesma qualidade. Parabéns Cris." (MB – 303)

"Aprendi a conhecer meu corpo [...] aprendi a ser solidária com meus colegas de classe [...] aprendi que tenho que ajudar os outros para ser ajudada também. E o principal de tudo, aprendi que devo me esforçar para ser o melhor que posso ser, aprendi que com esforço tenho competência para tudo.[...]" (NM – 303)

Os alunos revelam o aprendizado que a disciplina lhes proporcionou, e dentre essas falas é possível perceber a importância deste conhecimento para estes alunos. A disciplina ministrada pela professora Cristiane permitiu mudança de conceitos a respeito do que é Educação Física e a construção de novos significados e sentidos da disciplina para os alunos.

5.3 Narração de experiências nas aulas

As falas abaixo narram alguma experiência ocorrida nas aulas de Educação Física e/ou aprendizados proporcionados pela disciplina a estes alunos durante o tempo que eles conviveram e aprenderam com a professora Cristiane. Seguem as narrativas:

“Tem coisas na vida que marcam e a Educação Física e a professora Cris marcaram minha vida.[...] Uma atividade que aprendi e que marcou foi a de dar cambalhota (como sou gordinha eu nunca fazia Educação Física nas outras escolas por vergonha e quando consegui dar cambalhota fiquei tão feliz) outra coisa interessante foi a de fazer pirâmide humana eu simplesmente amei não acreditava que eu fosse capaz de fazer e fiz!” (JP – 301)

“[...] Além de conteúdos curriculares aprendemos lições para a vida, aprendemos a conviver, a respeitar, a fazer escolhas [...] Cris, gostaria de te parabenizar pelo seu trabalho! E agradecer por tudo! Você é uma profissional muito competente! Vou sentir saudades das aulas de Educação Física!” (MH – 302)

“ter conhecimento vai além de aprender para fazer uma prova ou ganhar pontos, conhecimento nos ensina a viver” (K – 303)

“ Todo mestre sábio tem o ensinamento para passar. Nos mostra o caminho e nos dá as ferramentas. E os discípulos com a vontade de aprender, montam-se com os instrumentos adquiridos. Obrigada pelos instrumentos pretendo usa-los com sabedoria” (S – 303)

“É impossível não sofrermos modificações ao longo dos anos, de uma certa forma, as aulas de educação física foi o que faltava para muitos, o adubo necessário para as plantas crescerem e se tornarem capazes de viver no mundo lá fora” (Paulo Henrique – 303)

“É engraçado como a disciplina de maior divertimento se tornou na minha vida a de mais conhecimento”. (L – 304)

“[...] não imaginava que Educação Física não se resumia a pratica esportiva e que tratava o homem no contexto social e não só fisiológico. [...] General Guieiro, vou deixando o pelotão, meu prazo aqui está expirando, mas antes gostaria de dizer que neste quartel muito aprendi e que mesmo tendo de abandonar o pelotão, todo ensinamento está indo comigo. Vários colegas também estão deixando o quartel depois de 3 anos, mas não abortando a missão, pois missão dada é missão cumprida e essa já está sendo concluída, foi executada com sucesso.” (YL – 301)

Ao narrar sobre sua experiência estes alunos revelam também o que aprenderam na disciplina e o quê de significativo os marcou, tocou e os fez escolher revelar e compartilhar sobre as aulas que tiveram.

5.4 Autoconhecimento nas aulas

Um aspecto recorrente nas falas dos alunos é a importância que a disciplina assumiu em suas vidas, pois ela foi capaz de proporcionar conhecimentos e aprendizagens que eles aplicam, dentre outros aspectos, em si mesmos. Por isso, a escolha deste tópico, que apresenta conhecimentos que os alunos revelam sobre o quê disciplina proporcionou neste contato com a professora Cristiane. Seguem as falas:

"Com estes 3 anos de Educação Física 'diferente' aprendi bastante e evoluí quanto a conhecer os limites do meu corpo, o sentido real da palavra corporeidade." (JD – 301)

"Cris, agradeço a você por me ensinar a trabalhar meu corpo e mente, a não ter vergonha de me expor. [...] Obrigado por me apresentar o 'Menestrel' ele me transformou mentalmente muito." (V – 301)

"Aprendi a importância real da Educação Física e o que ela pode nos ajudar a desenvolver. Superei um preconceito contra ginastas e hoje sou louco pelo esporte. [...] Todo esse tempo desenvolvi minha capacidade de diálogo e superei a timidez. Transformei-me em uma pessoa que nunca pensei ser e de verdade, nunca gostei tanto de ser quem sou. Obrigado pela oportunidade de eu me conhecer e acreditar que esse é o melhor de mim." (GC – 302)

"Ter aulas de Educação Física diferenciadas aqui me ajudou a entender melhor sobre diversas coisas, principalmente em relação ao meu corpo e à superação de dificuldades." (J – 302)

"Nesses últimos anos aprendi a trabalhar melhor em equipe, a ter curiosidade para estudar, a debater e aceitar melhor a opinião do outro. Vivemos muitas coisas, superamos dificuldades, crescemos com cada problema superado, desenvolvemos nossa mente e nosso físico, e é claro que a Educação Física nos ajudou em grande parte, se não em tudo. A convivência, o conhecimento e respeito sobre o corpo do outro, sem dúvida nos aproximaram muito." (J – 302)

"[...] As aulas teóricas de Educação Física melhoraram meu senso crítico além de fazer com que eu tenha uma mente mais adulta e profissional. Assim, me preparando para o futuro." (LC – 302)

"A Educação Física ajudou no meu crescimento pessoal, pois vários conteúdos estudados, e às vezes até o sermão que nós escutávamos me fizeram querer crescer,

mudar e evoluir. E o principal método usado foi: acreditar em si mesmo, ultrapassar seus próprios limites.” (LV – 302)

“Nesses três anos eu me transformei em um homem mais responsável por causa da pressão imposta pela professora Cris em cima de datas de entregas, na disciplina nas aulas e etc.” (MA – 302)

“Conheci outro lado da Educação Física que não é só jogar bola [...] mas entender seu corpo, seus limites, sua capacidade. Com isso me transformei numa pessoa mais segura, confiante, passei a perceber que eu era capaz como todo mundo; mudei no ponto de vista pessoal. [...] No 1º ano eu era tímida, tinha vergonha dos meus colegas e nem gostava de fazer aulas de Educação Física, hoje, eu já não consigo deixar de participar. As aulas me motivaram para a prática de esportes que hoje em dia eu gosto muito. Cris obrigada por tudo, você é uma excelente profissional.” (RB – 302)

“Ajudaram-me a ter minha própria autonomia [...] nos mostrando [...] que os gestos podem dizer muito sobre a personalidade das pessoas, que para tudo funcionar a mente e o corpo precisam estar em equilíbrio. [...] Aprimorando meus conhecimentos sobre mim mesma” (G 303)

“Transformei-me em um ser mais pensante” (E – 303)

“Nas aulas de Educação Física que dei meu primeiro passo para o autoconhecimento. [...] agradeço pela oportunidade de reflexão e queria dizer que sua parte nesse processo foi fundamental. Acredite, foi! Muito obrigado. Vou levar seus ensinamentos para onde eu for. Te desejo toda sorte do mundo, te admiro como profissional e pessoa. Espero ouvir falar de você no futuro [...]” (LF – 303)

“Nesses últimos anos aprendi a ter mais confiança em mim e a trabalhar em equipe, pois nem todas as pessoas são preconceituosas. Também descobri o sentido da Educação Física, que antes era inexistente. Pretendo cursar psicologia, aprendi um pouco mais sobre ela nas aulas de Educação Física e graças à Cris, criei gosto por essa área” (RG – 303)

“[...] com o passar de alguns meses descobri, que só prática não era o suficiente é preciso ter um aprofundamento em várias áreas e uma das principais é a do nosso próprio eu.” (IG – 304)

“Obrigada Cristiane Guieiro, por mostrar que eu sou capaz de ir além!” (NM – 304)

Este tópico finaliza as falas dos alunos, mas por meio destas falas foi possível perceber a influência que a professora Cristiane, ao lecionar a disciplina de Educação Física, exerceu na vida destes alunos. Há também o conhecimento por eles adquirido, não apenas sobre a disciplina, mas também, sobre si mesmos. Segue no próximo capítulo a narrativa da professora Cristiane sobre sua experiência.

6 DIZENDO DE SI: UMA PROFESSORA CONTA A SUA EXPERIÊNCIA

"a narrativa permite a (re)construção de nossas imagens e (auto) imagens, no monólogo interior e no diálogo com o outro."
(ADMIR SOARES DE ALMEIDA JUNIOR, 2011, p. 17)

Neste tópico, optei por transcrever e oferecer à leitura, a entrevista, na íntegra, realizada com a professora Cristiane Guieiro Guimarães. Esta opção ocorreu devido à importância que confiro a esta história de vida, na qual conhecemos a professora Cristiane como pessoa, pois como já apresentado por Huberman (2000, p.55): "É evidente que a pessoa que mais sabe de uma trajectória profissional é a pessoa que a viveu" e completo esta fala dizendo, não apenas profissional, mas pessoal. Nesta narrativa Cristiane apresenta dados sobre sua escolarização, escolha profissional, graduação, atuação, planos futuros e todos os conflitos e aprendizados neste trajeto por ela realizado.

Por meio da leitura deste é possível um diálogo com suas experiências e um aprendizado com esta professora, que se assumiu como protagonista no seu oficio de mestre e assumiu sua responsabilidade na formação de sujeitos, como conferido na fala de seus alunos, apresentadas anteriormente.

6.1 Contextualização

Antes de iniciar a entrevista apresentei para a Cristiane todas as informações que eu já possuía a seu respeito, obtidas por meio de conversas e observações. Optei por isso para poder averiguar se as informações estavam corretas, se algo a constrangia, caso ela não quisesse que eu divulgasse e também para no momento da entrevista ela aproveitar para fornecer informações que eu ainda não possuía. Ela já tinha conhecimento dos objetivos da pesquisa e da questão norteadora. Apresentei as questões que faria no decorrer da entrevista e iniciamos.

Convido o leitor a apreciar esta leitura de uma narrativa de uma professora de Educação Física sobre suas experiências, professora que é uma pessoa, Cristiane Guieiro Guimarães. Que esta leitura permita que você retire suas conclusões e aprendizados e dialogue comigo nas considerações finais a respeito deste trabalho.

6.2 O momento da entrevista

Kelly: - Bom dia Cristiane. Vou começar a entrevista então perguntando um pouco sobre o seu trajeto e escola, você enquanto aluna, como que foi a sua escolarização até o ensino médio?

Cristiane: - Então vamos lá. Com cinco anos eu fui matriculada no jardim de infância, que era uma escola particular, isso em 1983, é (pausa curta) acho que é isso mesmo, segundo período e já cheguei na escola muito chateada porque achava que o meu irmão, que é mais novo que eu que estava com uns quatro anos no 1º período, ele estava com mais vantagem na vida escolar, porque ele tinha um ano a mais, vamos dizer assim, de estudo do que eu, eu lembro dessa época porque eu tenho o trauma com meu pai que eu não queria que ele entrasse junto comigo, que ele ia entrar também no segundo período e aí foi um negócio até muito engraçado. Daí eu fiquei nessa escola no segundo período e no terceiro período. E era uma escola que assim, (pausa curta) eu sei que hoje da prática que a gente tinha na escola ela me influencia até hoje. Porque a gente começou ne, a escola era alugada, o prédio de uma casa alugada próximo mesmo da minha casa e com o tempo a diretora não conseguiu mais pagar o aluguel e aí ela tinha comprado um lote, mas aí tinha que construir a escola ainda e acabou que os alunos ajudaram a construir a escola. Então, assim já fui e comecei a ser criança dentro desse processo de que a gente é que constrói as coisas que a gente usa e era uma farra porque nossa função às vezes era levar o tijolo pro pedreiro e carregar areia nos “baldinhos” então a gente se sentia parte da construção daquela escola e era uma escola particular, não era uma escola pública. E todo mundo abraçou a causa, os pais abraçaram a causa e eu me sentia muito feliz naquela escola. Eu lembro quando a gente mudou, a outra escola era linda né, toda pintada, cheia de desenho e essa escola não, nessa nova a gente já não tinha tudo isso, a escola era no tijolo e no chão batido, mas isso ali não tirou em nada o encanto da escola, sabe? Atividades no jardim,eram boas demais! E a gente tinha muita, muitas apresentações, a professora valorizava muita essa questão da gente ser sempre o protagonista das ações. E eu acho que isso veio caminhando comigo até hoje, isso é bem presente. Nas apresentações artísticas, no final do ano, a escola toda estava sempre envolvida; então a gente que era dos períodos anteriores dos meninos que iam formar no pré-primário, nós é que fazíamos as apresentações artísticas para poder homenageá-los e eles ficavam sempre vestidos, formalmente, sentados no púlpito, assim... e a gente é que fazia as apresentações em homenagem para eles e acho que a gente já alí, assim... a cada ano que passava na expectativa de que um dia vai ser eu que vou estar sentado ali, e os outros vão fazer para mim as apresentações. Então isso era legal! E quando eu formei lá, a escola chamava até (pequena pausa) Jardim de Infância Paraíso encantado, e aí quando eu saí de lá eu fui para o Cesário Alvim, que é uma escola central, uma escola bem tradicional, e... mas eu não perdi o vinculo com o Jardim, porque meu irmão ainda estava lá. Então, quando tinha a apresentação para a formatura do meu irmão, eu também apresentei, porque eu ia lá na escola e falava para a professora que eu também queria continuar e eu e as minhas amigas também, que tinham já saído da escola. Só que tinha aquela porta aberta de retornar na escola e continuar fazendo as apresentações. E

eu sempre fiz, gostava de participar. E aí no Cesário Alvim a vida começa a ficar um pouquinho diferente, porque já não tinha mais aquela alegria, que tinha no jardim de infância e nem tantas apresentações assim. Então as professoras já eram bem mais bravas bem mais severas e eu já cheguei alfabetizada, eu já estava com sete anos e naquele tempo o jardim não era obrigatório para todo mundo, então a maioria dos meninos chegavam na escola pública sem serem alfabetizados, eles eram alfabetizados na primeira série. E acabou que eu fui, assim, realfabetizada né, eu já sabia ler e escrever, mas tive que acompanhar o processo de novo com os colegas. Mas para mim era tranquilo eu gostava muito, então, achei tranquilo. E eu sempre fui classificada na turma..._ na época eles dividiam mesmo os alunos; eram separados por níveis de inteligência; testes de QI eram aplicados; eu entrei foi em 1985, entrei no primeiro ano, então estava saindo daquele período de ditadura; a escola trazia muito disso... tanto é que a gente tinha o uniforme (...) sapatinho tinha que ser preto e a meia tinha que ser branca, era tudo medido direitinho, então não tinha brecha, ah!!! O aluno é pobre e tem que ir para a aula de chinelo, não queria nem saber, então você tinha que ter o uniforme para estudar lá_. Então era uma escola muito tradicional. E eu sempre fiquei nessa turma, mais... até a terceira série, nas turmas de fraco a mediano. Mas sempre fui muito presente na escola, sempre participei muito, mais sempre fui mais de observar também do que de fazer amizades, então minha mãe foi chamada na escola várias vezes, porque eu não era de me entrosar muito, às vezes eu conversava com um ou outro colega mas não ficava no recreio, sempre encostada observando o recreio dos outros. Todo mundo ficava preocupado com isso achando que isso era um problema, mas na verdade, assim, eu nem entendi porque que minha mãe foi chamada lá na escola. Eu não queria brincar com ninguém, gostava muito mais de ver os outros brincando e observar, do que estar lá no meio deles. Mas isso sempre foi um problema, ela foi chamada constantemente e indicavam psicólogos; precisava fazer o tratamento psicológico e eu ficava assim sem entender, eu não estou louca não é?! (risadas) Então foi bem assim o tempo inteiro, e (pausa curta) engraçado, assim... que apesar de eu sempre ter sido mais tímida mesmo, não era aquele tipo que saía metendo as caras com todo mundo não, eu sempre fui bem mais tímida mesmo, fui recatada, apesar disso sempre fui atrevida. Me doava nas coisas que eu acreditava, isso eu sempre fui atrevida. Eu me lembro de uma história, no jardim de infância, e isso percorreu muito tempo na vida escolar, que quem tinha mais lápis de cor era o que tinha mais status. (risadas) Quanto mais lápis de cor você tinha no estojo, mais rico você era né, tinha estes detalhes. Só que no jardim o pai da gente levava o material no inicio do ano. Tinha a lista e a professora era que fazia essa distribuição durante o ano. Então na medida que o lápis ia acabando, ela ia substituindo. Então como a gente sabia que essa substituição era, assim, precária, apontar lápis era um horror! Sabia que o lápis estava acabando. Então em uma ocasião que eu considerei que a minha latinha estava empobrecida (risadas) em relação à latinha dos meus colegas_ ela deu um gatinho para a gente colorir_ e eu aí, eu já aproveitei no embalo de: - Ah é hoje que eu vou ter que ganhar mais lápis, que eu quero colorir o meu gato. E aí uma coleguinha minha, a gente sentava sempre em duplas, virou para mim e falou: - Ela não vai te dar mais lápis colorido, porque o gato tem uma cor só! (risadas) E eu falei assim

que não, mas eu quero fazer um gato diferente e eu vou lá pedir mais lápis de cor. E aí eu peguei a latinha, e a professora ainda era brava, apesar dela ser afetiva e tudo, mas ela era uma professora muito brava. E aí eu peguei a minha latinha e fui né, na cara e na coragem. É aqui, eu preciso de mais lápis de cor e aí ela olhou para mim e disse: você precisa de mais lápis de cor para que? E eu falei: para colorir o meu gato. E ela: mas o seu gato não precisa de tantas cores assim não, você só precisa de um preto, de um marrom e um amarelo, você não precisa de mais cores não. E aí eu falei assim: não, eu quero um vermelho, um rosa e fui falando todas as cores que queria e ela brava né, porque não tinha gato daquela cor, mas eu acho que ela até aceitou, ela me deu os lápis de cor e eu voltei toda satisfeita. E aí realmente, eu tinha que fazer jus, eu pedi os lápis de cor para colorir o meu gato e era uma desculpa para ter lápis de cor. Aí eu peguei e colori mesmo o gato, todo colorido, assim, todo! Meu gato tinha todas as cores que estavam na minha latinha. E os meninos da sala todos me zuando, porque não tem gato dessa cor, _porque como que você coloriu o gato todo_ e, na época, a tia, a tia vai te xingar. E na hora de apresentar o gato lá na frente, aí ela me expos mesmo, para a turma inteira, assim, fiz o papel da ridícula, porque ah!!! _onde é que eu tinha visto um gato daquela cor?... que não existia gato colorido daquele jeito_ e assim, vários modos. Hoje a gente não pode fazer assim mais, mas antigamente isso era muito comum. Até fila dos burrinhos tinha, eu peguei essa fase mesmo, de não conseguir ler, e vai para a fila dos burrinhos. Então, assim todo mundo rindo da minha cara e ela me xingando na frente de todo mundo; aí eu peguei e também me posicionei. Virei para ela e falei assim: - Isso daqui é um gato de papel, eu posso colorir ele com quantas cores eu quiser, então assim, isso foi motivo de eu ficar de castigo. (risadas).

Kelly: Desafiou a professora.

Cris: É lógico ne?! E completo ainda com: o gato é meu, o coloro com quantas cores eu quiser! Aí eu fiquei no final da aula, aí minha mãe foi chamada lá, por causa disso, minha mãe ficou brava, porque ah é indisciplina, porque não sei o que, na hora que chegar em casa você vai apanhar. Mas a professora mesmo chegou a conclusão, lá na minha frente, falando: ela tem razão, eu entreguei o gato para eles colorirem e o gato era deles, então assim, eles podiam realmente colorir o gato do jeito que eles quisessem. Então aí eu já me sentia... São algumas situações escolares que acontecem, mas que eu acho que já vão ditando um pouquinho da personalidade da gente. Então, eu acho que tem coisa que eu realmente acho que a gente já nasce com ela, que ninguém ensina não. Acho que esse atrevimento vem daí, desde a infância. E aí já no Cesário Alvim eu já, assim, aí já confirmando a mistura da questão de relacionamento ruim dos meus pais, já... a coisa começou a ficar mais pesada, aí não tem jeito, assim, isso acaba influenciando também no ambiente escolar. Então, acabava que meu rendimento era muito baixo, porque em casa era muito ruim, muito ruim. Então, quando a escola começou com o processo, eu já estava na terceira quarta serie, de psicólogos irem até a escola, a gente passou um período assim que tinha médico, tinha dentista, tinha psicólogo, oftalmologista então tudo isso era resolvido na escola. Eu gostava daquele tempo. Aí eu lembro que tinha um menino na sala que os pais já tinham separado e que

uma vez por semana o psicólogo ia lá, na sala, para poder conversar com ele. E eu ficava sempre na expectativa de um dia, nossa!!! Um dia eles vão me chamar. E eu doida para conversar com alguém e nunca me chamou, é uma situação que eu não esqueço, pois, nunca me chamaram para conversar. E eu achava que todo mundo sabia da minha situação, e não sabia, a psicóloga chamava porque os pais já tinham comparecido lá e explicado a situação, mas isso não tinha acontecido comigo. A gente é criança e acha que está todo mundo sabendo de tudo o que está acontecendo e de fato não estavam sabendo. E aí o rendimento foi caindo. A minha forma de extravasar era justamente escrevendo, então eu sempre tive diário, eu escrevia muito em casa. Aí nas redações da escola tudo aquilo para mim era motivação, então acabava que as minhas redações ficavam muito ricas, porque eu tinha elementos para colocar. Sonhava muito, porque como a minha situação era muito ruim, a minha chance de não viver aquilo era ficar imaginando outras coisas. Então eu ficava o tempo inteiro criando situações que não eram reais, e aí colocando tudo isso na minha redação, assim ela ia se enriquecendo bastante. E o Cesário a Alvim, era uma escola que eu gostei muito, era uma escola assim puxada, exigia muito da gente. Aí na quarta série é que aconteceu a situação, de eu sair da sala que era do nível D direto para a turma A, foi assim o choque, foi um baque. Porque eu gostava também da situação acomodada da turma que não se cobrava muito, uma porque eu detestava fazer para casa e a turma dos mais atrasados não tinha muito para casa, era pouquinha coisa. Eu achava um desperdício ter que parar para fazer para casa e deixar de brincar. Brincar para mim é que era a coisa mais importante, era ir para a escola, aproveitar aquele tempo que eu estudava de manhã e o resto da tarde era brincar. Então assim, eu gostava muito de brincar: na rua, em casa. Então, eu achava aquilo, assim, era péssimo! Tanto é que normalmente eu não fazia os para casas, eu fazia o para casa dentro do ônibus, assim, dentro do ônibus. Era uma hora para poder chegar na escola, então era ali que eu e meu irmão sentávamos os dois para poder fazer o para casa, não tinha muita conversa. Só que na turma mais avançada não dava para ser feito, o volume de para casa era muito grande. Então, a gente tinha que ficar sentado de tarde, chegava da escola e já tinha que ficar sentado depois do almoço para fazer os para casas. Aquilo para mim era, a morte! Porque eu não tinha mais tempo de brincar e aquilo foi me sacrificando muito. E quando eu mudei, que foi a questão de mudar de sala, por causa da redação... eu lembro que era uma figura que eles colocavam em um quadro, eram três quadrinhos e era uma história de um menino, uma abelha e um mel. Não lembro mais da moral da história, mas eu sei que foi por causa da redação que eles me tiraram da sala mais atrasada, para a mais adiantada. E aí foi tenso, porque as minhas colegas lá, enquanto eu tirava zero nas provas, na mais avançada, porque era a mesma prova, as provas não eram diferentes._ A diferença era que enquanto eles tinham, a sala adiantada tinha uma semana para aprender o conteúdo, a sala mais atrasada tinha um mês. Então chegava na prova, eles lá se saiam bem na prova e eu me saia mal, porque eu não tinha tempo suficiente, aquilo me deixava bem angustiada_. Porque aí as menininhas, as que eram minhas amigas dentro do ônibus comparando as provas, aí falavam comigo assim: - Eu não entendo como você está na sala mais adiantada? porque você tirou zero na mesma prova que eu tirei dez! (risadas). E eu

também ficava assim, aquelas coisas de criança, eu não entendia a lógica da escola, hoje os meninos tem mais acesso de como é que funciona a lógica da escola. Mas para a gente era coisa ilógica, eu não estou entendendo o que está acontecendo, mas tive que enfrentar... o tempo inteiro a professora chamando, falando que: - Aqui não é o seu lugar! Você tem que convencer a inspetora que seu lugar é lá, lá na última sala. Você não dá conta dos meninos daqui. E eu estava convicta mesmo, não, eu tenho certeza, eu não dou conta. Mas naquela coisa de não deixar voltar, não deixar voltar de forma alguma, você vai dar conta do recado. Eu acho que eu fui entrando dentro daquele ritmo e finalizei o ano com 80%, assim, na disciplina que eu tive menos ponto acho que foi o 80%. Então acabei me saindo bem! E aí depois disso, o Cesario Alvin é uma escola que só vai até a quarta série e aí a quinta série a gente tinha que fazer na escola que ficava bem acima que é o Olegário Maciel. Então tinha esse combinado e eu fui matriculada no Olegário Maciel, como minha turma inteira foi para lá, alguns saíram para escolas particulares, mas a maioria foi para o Olegário Maciel. Então foi bem no ano que meus pais realmente separaram, isso em 88, então eu já sabia que não ia poder mais estudar no centro, por causa da passagem, que é cara e era cara também antigamente. E aí eu peguei e comecei a busca, naquele desespero da separação deles, eu percebi que eu ia ter que dar conta do recado, porque se ficasse por eles, eu ia ficar sem escola. E lá perto de casa tinha até uma escola nova, do Estado, mas era uma escola muito fraca, eu já tinha ouvido falar e eu falei assim não, naquela escola eu não vou estudar, que dava até para ir a pé. Aí comecei a procurar outra escola no bairro, que era uma escola muito boa, que tinha sido particular e a prefeitura comprou o terreno que fazia da escola uma escola publica e lá tinha tudo! Assim, tinha uma fazenda, um campo de futebol e eu sabia que tinha aula na época que chamava de ginástica olímpica e tinha ginástica olímpica lá, atletismo. Eu foquei na escola por causa do esporte! E aí eu fui para lá. Era um pouquinho mais distante da minha casa, mas fomos eu e uma coleguinha para saber como é que a gente fazia para estudar naquela escola. E aí o senhor que nos atendeu na secretaria falou que ali só podia estudar com um teste de seleção. A gente precisava fazer uma prova de seleção para saber se a gente tinha chance de estudar lá, naquela escola. E aí a gente mais do que depressa disse: - Eu quero fazer a minha inscrição aí! E aí ele disse: - Não, vocês não podem, os pais é que tem que vir fazer a inscrição de vocês. Eu sei que eu peguei a ficha toda e já falei que meus pais não vão vir aqui porque eles estão ocupados com outras coisas e ele nos deu a ficha:_ e então, você leva a ficha em casa e traz para mim de volta. E eu saí correndo com a ficha e meus pais assinaram a ficha e eu que levei a ficha lá de volta. E aí ele fez a minha carteirinha para eu fazer a prova. Então assim, era aquela coisa, o conteúdo é esse, você estuda, na época não tinha livro, porque o Estado não emprestava livro para a gente, para ter o livro tinha que comprar, então assim, eu peguei livro emprestado das minhas colegas do bairro que estudavam em escola particular e que tinham. E eu estudei, era uma prova só de português e matemática, e estudei para passar, e aí passei naquela escola e aí fui estudar lá. E foi uma fase muito boa, muito boa na minha vida, na questão escolar, porque era uma escola que voltava muito para a questão da criatividade da gente, trabalhava muito com teatro, fazia muita questão, tinha professores muito bons. Apesar de ser também

uma escola muito tradicional, olhava muito a questão do uniforme, antes de ir para a sala tinha que cantar o hino nacional todos os dias, o hino da escola e o hino nacional. A gente fazia a formação na quadra... Aí a gente ouvia primeiro as palavras do diretor e depois que ele dava todos os recados do dia e ainda fazia uma oração, aí a gente podia, por fila, ir retornando para a sala. Eu achava aquilo o máximo! Aquela organização me deixava assim maravilhada..os meninos achavam aquilo ridículo, eu achava assim um encanto, gosto muito dessas coisas, assim metódicas, certinhas, e eles olhavam o uniforme da gente que era uma calça jeans e uma blusa da escola. Mas as meninas, por exemplo, não podiam ir de batom, de brinco, de pulseira, não podia ter nada! Eles eram muitos exigentes com essa questão, a calça também tinha que ser a jeans, mas tinha que ser larga e ainda peguei aquela fase que professor entrava na sala e aluno levantava, foi assim de 1989 a 1992. E eu achava isso também o máximo, eu gostava de dar aos professores esse valor. Para mim, o professor era a coisa mais importante que tinha na minha vida. Era o professor. Achava assim, o professor é uma coisa, assim, fantástica. Achava que ele estava muito, mas muito acima de mim, achava que era, assim, um ser intocável. Então sempre, assim, gostei muito de todos os meus professores. Então gostava muito dessa questão de levantar e também tinha os alunos que achavam aquilo patético, que levantavam porque se não levantassem seriam punidos e eu levantava assim com gosto, gostava de usar o uniforme da escola. As meninas terminava a aula elas já faziam questão de tirar a blusa para passar pelas ruas assim, paquerar os rapazes sem uniforme e eu também não entendia isso, porque eu gostava de fazer parte daquela escola. Eu gostava disso porque a escola era uma escola que fazia teste para entrar, então a gente ainda pegava aquela “faminha” de que são os “nerdizinhos” que estudam na escola que faz teste para entrar, as outras não tinham... então eu gostava muito, para mim era um status, sentia meio “poderozinha” na região. E foi uma escola que eu já gostava de atividade física, de esporte eu gostava já muito; mas essa... tinha tudo. Então tinha os atletas mesmo que competiam fora, que os professores faziam estes projetos sociais, voluntários. Eles gostavam tanto do que faziam que eles davam esse tempo a mais para poder treinar as equipes de graça. Então eu acho que hoje eu sou um pouquinho do que eles foram... Eu estudava de manhã, de tarde eu ficava na escola para fazer vôlei, tinha o atletismo que era muito forte na época e tinha também a ginástica olímpica, então eu sempre tava em tudo. Mas todos esses esportes, também para entrar, a gente tinha que fazer teste, então se você não passava no teste, você não fazia, porque a procura era muito grande e todo mundo queria ficar em algum time. O meu sonho mesmo era entrar na ginástica olímpica que eu achava aquilo maravilhoso e a escola tinha os equipamentos mesmo, tinha os aparelhos todos da ginástica. A gente não tinha o ginásio coberto, era aberto, mas tinha espaços cobertos que davam para a gente praticar mesmo com chuva. E aí eu lembro quando a professora abriu o teste, eu estava na quinta série e ela abriu os testes para montar a equipe da ginástica olímpica. A gente se sentia super madura, nossa vou la fazer a minha inscrição, olhava a data direitinho, não tinha muito ali os pais fazendo as coisas para gente. Então eu fui fazer os testes, eu era muito dura, não tinha mesmo habilidade assim, eu gostava muito, mas não tinha habilidade nenhuma. E via aquelas meninas assim toda flexíveis, que já tinha na

natureza delas aquela genética e eu pensei assim nossa, não vou passar. E na hora de fazer os testes de abertura lateral e frontal, quando parece assim que você não ta aguentando, mas não pode, eu preciso descer mais um pouco, naquele desespero assim e as meninas que já eram as atletas mais antigas que mediam falavam:_ assim não, não vai mais, 30cm, e você nossa, mas 30cm é muita coisa! eu não vou passar e ela dizia, não, 30cm. E eu via aquelas meninas descendo em uma facilidade e aquilo ia me deixando angustiada, eu me falei: - Não vou passar. Aí a gente saia e ficava assim, uma semana inteira esperando sair o resultado, aí no dia que saiu a lista, não estava meu nome lá. E eu indignada com aquilo, eu sabia que eu não tinha a habilidade, mas não aceitava ficar de fora. Eu falei: - Não vou ficar de fora! Uma colega minha até falou assim: - Mas como é que você vai fazer? Você não passou. Eu falei: - Não me interessa; todos os dias da aula eu vou ficar aqui, nem que seja sentada aqui, mas eu não vou ficar de fora. E foi o que eu fiz mesmo. Fui falar com a professora para refazer o teste e ela falou que não, não tinha jeito mesmo, ela pegava as meninas que tinham mais habilidade e que eu poderia fazer ginástica olímpica nas aulas de educação física, para o treino eu não poderia entrar. Então eu falei assim: - Tá, mas eu vou vir todos os dias só para assistir, vou ficar aqui sentada. E ela falou que se eu quisesse assistir, já era uma questão minha e eu ia mesmo, era terça e quinta. E toda terça e quinta eu sentava lá e ficava vendo, mas eu sabia que aquilo alguma hora ia incomodá-la e de fato incomodou mesmo, então ela virou para mim e falou assim que ela percebeu que meu interesse era tão grande que eu não ia parar de ir, aí ela me deixou entrar: - Então pode começar a fazer com as meninas. Aí eu comecei a fazer, mas isso foi ótimo porque eu comecei a perceber que não é bem assim, um não, que vai te barrando não, entendeu? Na vida assim não, peraí, eu insisti e ela deixou, então eu fui levar isso adiante na minha vida, a gente tem que ser “chatinho” mesmo. Eu quero, eu quero e eu vou ficar aqui. Então isso foi me acompanhando, eu nunca fui, assim, a melhor, a destaque, mas o “pouquinho” que eu conseguia fazer para mim assim, era ótimo! Eu me sentia a atleta da ginástica. Eu nunca ia para as competições com as meninas, para as apresentações, que eu sabia que eu não estava no nível delas, mas gostava de saber que eu estava ali no meio, que eu fazia parte daquilo ali. Então foram professores que foram construindo muito essa questão da personalidade. Eu lembro direitinho um dia que ela estava ensinando a reversão, a ponte de reversão, que na época tinha esse nome que eu acho que o nome já até mudou, e aí ela, eu morrendo de medo de fazer e bater a cabeça no chão e ela ficou nervosa comigo, tentou fazer varias vezes e eu travava, travava. E aí ela gritou comigo e falou assim: - Você não foi convidada para estar aqui, então já que você está, você vai fazer! É certo que na hora você fica magoada, mas você percebe que essa é a verdade, eu quis estar ali, então eu tenho que estar ali e fazer. Então foi bem assim essa construção, até a oitava série, os professores de lá eram bem exigentes e sair de lá também foi um baque, porque era uma escola que só ia até a oitava série e eu vivia tanto aquela escola e tudo o que tinha as excursões, lá tinha muita competição e tinha as olimpíadas todos os anos. E eu participava de tudo, falou que era corrida rústica, estava eu lá, tinha futebol, estava eu lá e eu participava de todos os esportes. Nunca ganhei uma medalha, mas participava de tudo. Eu me lembro de um ano na oitava série que na

corrida rústica, a gente competia mesmo com os alunos atletas da sala, então a gente competia juntos nas olimpíadas e a gente nunca ganhava deles. Mas eu lembro que um ano na corrida rústica eu estava convicta: - Não, este ano vou conseguir pelo menos o terceiro lugar, porque uma menina boa lá não ia competir, então já pensei assim, eu tenho chance esse ano. Mas eu corri, corri, corri, e ia passando e o pessoal ia falando, o fulano esta para trás e nisso eu ficava mais animada, acelera aí que fulano esta passando mal e eu fui percebendo que, nossa! Eu vou conseguir chegar em segundo lugar esse ano. E toda vez eles montavam um pódio assim, tinha as honrarias, quem recebia as medalhas da escola, na frente da escola inteira chamava o nome, era o máximo! Aí eu cheguei em segundo lugar. Mas aquilo para mim também foi assim, fiquei uma semana quase sem andar de tão dolorida que eu tinha ficado, mas foi assim, foi ótimo. Mas a minha decepção foi quando chegou na segunda feira e o diretor disse que por falta de verba eles iriam premiar só os primeiros lugares. Eu pensei: -Não é possível, ele não vai falar nem o meu nome lá e só premiou mesmo os primeiros lugares, foi assim, uma decepção. Aí você começa a pensar, nossa, eu sou muito azarada e já começa a entrar na onda dos azarados. E aí quando eu sai de lá, eu já estava assim, eu já comecei a perguntar para os professores, porque eu não sabia que tinha um curso especifico de educação física, isso foi a minha professora da sexta serie que me contou. Porque eu perguntei para ela: - Como é que faz para dar aula de educação física? E aí que ela me contou que tinha que fazer faculdade de educação física, e eu não sabia, aí eu achei isso um sonho, saber que tem uma faculdade só para a gente ficar jogando o tempo inteiro. E aí ela foi falando do curso, que ela tinha feito em Viçosa... Então eu já fui ali pela sexta a oitava série semeando pela Educação Física que é uma coisa que eu gostaria de fazer. Só que eu também era muito boa em português a professora de português também ficava fazendo a minha cabeça, você tem que fazer Letras. Era eu que escrevia as peças de teatro da escola, então eu fiquei um tempo com duvida entre os dois cursos, ou era Letras ou era Educação Física. Mas a educação Física que me encantava mais, porque eu tinha essa ideia que eu ia ter a faculdade e que eu ia jogar tudo, acreditando que eu ia ficar o tempo inteiro só fazendo esporte, um sonho não é? E aí, quando eu saí da oitava série, que a gente ia para o Ensino Médio, começou também a luta de buscar uma escola. E eu já não tinha mais aquele critério da, ah, aqui só vai até a oitava e encaminha você para outra escola, não, a gente tinha que passar. Já era aquela questão, se quisesse ir para uma escola boa tinha que passar no teste de seleção ou ir para a escola que ficava lá no bairro mesmo, mas que não era uma escola do nível tão bom. Só que eu ficava com desespero nisso, porque eu era sozinha, eu não tinha os meus pais olhando isso para mim igual tinha os outros pais olhando para os meninos. Então na época o pessoal falava muito da escola Governador Milton Campos que o pessoal chamava de Estadual Central e os meninos fazendo cursinho para estudar lá, a maioria fazendo cursinho para o CEFET, para o COLTEC e eu meio perdida naquela situação. Não sabia também bem o que estava acontecendo, eu sabia que eu ia ter sair da escola, mas eu não tinha quem olhasse pra mim essas outras escolas. Então eu acho que isso, eu caí no Instituto mais pela comodidade, porque meu pai falava ah sua tia estudou lá, suas primas estudaram lá então você vai para o Instituto de Educação que é uma escola de Magistério. Mas não

era a minha intenção assim, a principio fazer magistério. Apesar de gostar mesmo de professor, de escola, mas até então eu pensava na educação física, eu não pensava assim em uma escola de Ensino Médio e Magistério, para dar aula para menino pequeno de 1º a 4º série. E o Estadual Central era uma escola que eu achava, assim, legal porque eles tinham essa questão de esporte também lá muito forte e eu me sentia meio pequena, sabe, perto dos meus colegas e não ter aquela oportunidade, aquele empenho que os pais tinham com eles, eu não tive para mim. Com isso eu tinha que ficar esperta com o quê que eu ia fazer. Então muitos passaram, foram para o CEFET, foram para o Estadual Central e aí eu fui para o Instituto de Educação. Aí eu tive que passar pelo processo, fazer a inscrição, aí eu já queria, eu tinha 15 anos, eu queria estudar a tarde e aí o meu pai não aceitou. Não, você vai fazer sua inscrição a noite porque você já tem que começar a trabalhar, aquilo para mim era um horror! Assim, eu sempre fui do povo que acordava muito cedo e dormia muito cedo, eu acordava era quatro horas da manhã, mas seis horas da tarde eu já estava dormindo. Então assim, estudar a noite para mim era um peso, que assim, eu não vou conseguir estudar a noite não. Aí já foi um trauma, teria que estudar a noite com um público completamente diferente do que eu estava acostumada; sempre estudei de manhã, de tarde, e sabia que quem estudava de noite era de outro perfil completamente diferente. Mas não teve jeito, ele não concordou, e eu tive que fazer minha inscrição para teste de seleção para o Instituto à noite. E uma turma que eu gostava muito foi para a tarde, então isso aí para mim era muito chato. E eu passei no teste do Instituto e fui para lá, para o magistério. E era um curso de quatro anos, porque a carga horária da noite normalmente era menor então a tarde fazia em três anos e quem estudava a noite fazia em quatro. As aulas começavam às 19h e terminava às 22h30min. Então aquilo para mim era um peso. Eu fiquei assim as férias inteira preocupada, colocando o relógio para despertar a noite para eu ver como que estava o meu bairro às 23h, 23h30min, o horário que eu iria chegar. Aquilo para mim foi sofrido, eu sofri muito. Quando eu cheguei ao Instituto à noite para estudar eu sofri muito. Era uma escola, que no Instituto ali na frente, no prédio rosa, só estudava mulher... E no prédio atrás ficava o supletivo, então assim lá tinha os rapazes. A minha sala era uma sala mista, mista no sentido assim, enquanto tinha eu com quinze anos, tinha também uma senhora de quarenta, cinquenta, as meninas de trinta e cinco; muitas que já trabalhavam fora, tinham muitas colegas que eram domésticas, trabalhavam em casas de família, vinham do interior. Assim, era muito misturado e tinham meninas novas também. Então aquilo era assim, uma luta: - Que escola esquisita é essa que eu estou estudando?! E eu fiquei muito tímida, muito recatada; não tinha essa de namorinho, nem nada de ficar, não tinha isso! Então eu já fui colocada dentro de uma diversidade ali, totalmente diferente da minha realidade. Eu não tinha muito assim com quem andar ou quem se identificasse muito comigo. Mas acaba aprendendo a conviver com os outros. Eu me lembro bem a situação de uma aula de biologia em que..._E o Instituto era lindo, hoje está meio “acabadinho” mas era uma escola linda, era maravilhoso! Na hora que eu vi o auditório aí eu já comecei a imaginar, nossa, fazer teatro aqui deve ser muito bom, aquela coisa toda, aí minha cabeça já foi, eu já fui me adaptando melhor à escola, então a coisa foi ficando mais interessante._ Mas vivi situações assim do tipo, da professora

de biologia falar assim: - A aula hoje vai ser de, o tema é sexualidade. E eu quero que vocês reúnam em grupo e vocês vão contar para as colegas as experiências que vocês já tiveram na área. Eu ficava com aquela cara de sonsa, aí eu chamei a professora: - Professora, a gente não tem o que contar, que experiência que nós vamos contar? Acho que ela ficou me olhando com aquela cara de nossa que menina, coitada, tão ingênua! E ela falou assim: - Como assim não tem nada o que contar? Você nunca deu um "beijinho" em rapaz nenhum, nunca se interessou por rapaz nenhum? Eu falei assim, não, assim, mais ou menos, eu até gostei já, mas nos vamos contar isso? Eu gostei de fulano, de fulano..E ela: - Não, faz o seguinte, senta no seu grupo e vê o que suas colegas tem para te contar, às vezes tem alguma coisa interessante. E eu assim, convicta de que não ia ter nada! E foi aí que eu descobri que em uma sala de trinta e cinco, eu era uma das cinco virgens da sala. Aquilo para mim foi um choque, como assim? Eu fiquei completamente perdida naquela situação. Mas aí já comecei a ver o mundo de outra forma que eu não via. Que o mundo era muito maior do que aquele espaço meu fechado e aqueles conceitos que eram conceitos que eu vinha trazendo da oitava série: - Fulana ficou com tantos meninos.. fulana está passada eu não ando mais com ela. Eu tinha muito isso de eu não ando com tal menina porque ela não tem o comportamento adequado e se eu andar com ela vou ficar mal falada. Então eu tinha muito disso e lá no Instituto foram muitas meninas que estudaram comigo até a oitava série e que eu tinha esse preconceito em relação a elas e que essas coisas foram se desconstruindo lá. Você vê que não é bem por aí, e se dar a oportunidade de conhecer a pessoa, então assim, no meu magistério teve muito disso. Dessa descoberta dos outros, até mesmo era função do curso, fazer com que a gente enxergasse com o olhar mais aberto, à história de vida de todo mundo, então o Instituto me fez muito bem. E ele voltou muito também naquela questão da educação física, tinha uma educação física forte lá. Mesmo estudando a noite, mas ia a tarde às vezes, as aulas de educação física junto com o turno da tarde. Então aquilo sempre esteve muito presente, eu gostava muito. Era a mesma coisa, eu participava de tudo! E ainda tinha jogos nos finais de semana que a gente ia e todo mundo gostava muito, eram raras as meninas que não simpatizavam assim com o esporte, então aquilo foi ficando cada vez maior na minha vida. E juntou com o curso que eu fui percebendo que eu tinha uma habilidade a mais, no curso de magistério, apesar de não ter nunca assumido a docência de 1º a 4º série, mas eu tinha realmente muita habilidade. E nos estágios que eu fazia a diretora e as professoras que me acompanhavam já me falavam isso, nossa, você tem muita facilidade para poder cativar o aluno, o aluno confia em você muito fácil, você tem mesmo que investir mesmo e eu sempre não, não, não! Não tenho condição de alfabetizar ninguém não, porque eu achava que a alfabetização era uma coisa, acho até hoje, que você colocar o menino lendo, acho a coisa mais incrível do mundo. Eu nunca, eu tinha a autoestima baixa demais para achar que eu era capaz de fazer isso. Então foi passando e eu me formei no Instituto, fui reprovada um ano lá, que não estava bem mesmo para mim, eu estava muito deprimida no ano, a vida quando você pensa ah, não tem sentido, nem vontade de viver eu tinha, quando eu estava no segundo ano do Ensino Médio e aí fui reprovada e. Mas foi tranquilo assim, eu quero mesmo, chegou na etapa e eu quero ser reprovada, eu

tenho que começar de novo. Ainda foi uma decisão minha, antes de ser dos professores, quando chegou no quarto bimestre eu já falei com eles que, não, vou continuar vindo nas aulas para fechar o ano mas eu vou repetir, eu quero repetir. O ano para mim tinha sido mesmo perdido e isso foi consentido, não tinha, é diferente de hoje que você tenta ir empurrando, empurrando. Então eu já sei que teria que repetir mesmo e foi bom ter repetido, o ruim foi que eu vi as minhas colegas, as mais próximas formarem antes e um curso meu que era de quatro foram de cinco. Mas foi um curso bem, foi muito bom. E eu gostava também muito dos meus professores. Cada um com a sua didática, tinha aquele que valorizava a sua criatividade só que tinha aquele que queria que você decorasse, você não podia se colocar na prova ele queria "igualzinho" estava lá no livro principalmente o professor de história e o professor de química que exigia que a gente decorasse a tabela periódica, a gente sabia a tabela de cor, ele ensinou a gente a montar a tabela e a gente achava aquilo um absurdo e jogava até a justificativa: - Mas no vestibular a tabela já vem para a gente na prova. Então assim, decorar para quê? Então a gente achava um absurdo aquilo, mas era um desafio, não deixava de ser um desafio que a gente comprava, se a regra é essa então nós vamos ter que seguir a regra. Então eu acabava que queria estar dentro desse desafio. E aí formei no Instituto em 1997 e já com essa ideia que já estava decidida: - Eu quero fazer Educação Física! O meu professor de educação física ficava o tempo inteiro falando isso comigo, é educação física que você tem que fazer, porque você tem todo o jeito e na época era prova prática na segunda etapa, então ele já ia me treinando para fazer a prova pratica que eu passando para a segunda etapa a prova prática era tranquila para mim. Eu acho que no ano que eu terminei eles tiraram a prova prática, entrou na área da saúde e aí já era a prova "igualzinho" a da medicina, eu acho que foi bem no ano mesmo que isso aconteceu, ou um ano antes. Aí começou a luta mesmo, porque a Universidade Federal é uma coisa muito distante para o aluno da escola pública, muito distante. E realmente é um sonho, até que toda hora que eu falava com alguém: - Vou fazer Educação Física na Federal. Todo mundo ria da minha cara...da minha turma ninguém fez vestibular. Da minha turma de magistério ninguém estudou na universidade federal, porque era comum não estar lá um aluno da escola pública, do magistério então, era mais impossível ainda. Porque a gente não tinha os conteúdos que se exigia na prova. A gente teve biologia dois anos só, física um ano só, então não tinha base para fazer. Aí o quê que aconteceu, eu em 1997 eu formei e já comecei, eu calculei o seguinte, eu estava com 19 anos na época e calculei o seguinte, bom, eu vou ficar um ano em casa para estudar, aí eu já tinha iniciado no jardim, com 17 anos, eu estava no segundo ano quando comecei a dar aula no jardim de infância. Estando lá no magistério que eu tinha feito o curso do CEDEF que dava a autorização (...) na educação física e fui para esse jardim de infância dar aula no jardim que eu estudei, ainda tem esse detalhe, porque meu professor de judô, na época eu treinava Jiu-jitsu, o meu professor, foi o meu professor de judô lá na escola, eu era atleta dele, que me indicou para lá e foi quando eu reencontrei o Jardim de infância, a professora que foi a minha professora, então eu cheguei lá agora como professora, o que foi uma coisa bem bacana porque eu já tinha esse vinculo com a escola e aí eu comecei depois que eu formei, a organizar a minha vida para poder passar

na federal. Com aquela ilusão de que se eu estudasse mesmo sozinha, eu vou dar conta do recado. Então eu fiquei em 98 o ano inteiro assim, pegava os livros, estudava sozinha, pegava os manuais que na época eram os cadernos de quem já tinha feito a prova, estudando sozinha para a prova do vestibular achando que era suficiente. Quando eu fiz a prova eu percebi que não, eu não estava tão ruim, conseguia fazer algumas questões, mas não conseguia passar. Tinha aquela história de que tinha que acertar 5 questões pelo menos, eram os caderninhos de cada disciplina, tinham 15 questões de cada matéria ali e aí a gente tinha que acertar pelo menos 5 para não ser eliminada de cara. Então eu acabava sendo eliminada de cara em física, em química, que eu não conseguia fazer 5 e aí começou o sofrimento, mesmo, foi um período assim sofrido. Eu não conseguia entrar nas escolas para trabalhar de 1º a 4º serie, por causa de experiência, de quem informasse como eu fazia e sozinha, porque em casa também não tinha essa apoio de ninguém para direcionar e não é como é hoje que é mais democrático, antigamente as diretoras é que escolhiam quem elas queriam para colocar nas escolas, então o acesso ainda era restrito e acabou que eu não consegui, assim, nesse período eu não consegui entrar na escola para lecionar, apesar da habilitação. E já tinha a Lei de Diretrizes e Bases de 96, a LDB, já tinha sido aprovada, então já estava todo mundo comentando que quem tinha só o ensino médio não daria aula de 1º a 4º serie que eles queriam agora quem tinha curso superior os professores todos estavam me deixando para trás e eu acreditava piamente que era assim que estava acontecendo e não é, de fato não é assim até hoje, mesmo com magistério, quando tem a oportunidade você entra, você só não concorre com quem tem curso superior. Então, mas foi passando, assim foi passando, mas em mim o meu foco era tão grande em passar na Universidade que eu também não fiquei muito em busca de um emprego mais estável que eu queria mesmo era estudar e eu sabia que se eu não estudasse eu não ia conseguir entrar, passar, que era muito concorrido. (...) eram 25, 28, 30 candidatos por vaga, não tinha esse tanto de faculdade de educação física, tinha só UFMG aqui e em Viçosa que eu tinha conhecimento, particular não tinha, a Uni foi criada uns dois três anos depois que eu estava tentando fazer vestibular e aí eu tive que começar a planejar a minha vida. E aí que eu entrei em guerra direta com meu pai que eu queria que ele me ajudasse, que pagasse cursinho e não, a pressão dele era assim, não, você vai trabalhar você vai começar a trabalhar, a Universidade Federal é coisa para rico, só rico que estuda lá, particular a gente não tem condição de pagar, então se você quiser fazer uma faculdade particular você vai ter que trabalhar o dia inteiro e fazer a noite, você vai pagar com o seu dinheiro. E o meu desespero ainda era maior, porque não tinha também faculdade de educação física, eu falei, mas não tem faculdade de educação física: - Não. então você não vai estudar, você vai fazer igual toda moça da nossa condição social faz, você vai trabalhar em loja, vai vender roupa. E aquilo assim, me incomodava, porque eu sabia que o meu potencial era mais. Falei assim, aquilo me sufocava muito de imaginar que eu estava dentro de uma loja vendendo roupa, sabendo que eu podia fazer mais, então foi muito sofrido, então eu fui sozinha. Falei então:_ vou estudar sozinha. Mas não tinha jeito, foi o primeiro assim, o segundo vestibular foi assim também, aí eu percebi que não tinha saída, que eu tinha realmente que começar a trabalhar para ir juntando

dinheiro para poder fazer o cursinho. Aí eu comecei a trabalhar em uma farmácia de manipulação, com marketing, o serviço de telemaketimg que eles realmente pegam só meninas novas (...) aí eu fui trabalhar nessa farmácia, trabalhava o dia inteiro e aí a noite eu ia para o cursinho. E aí também abriu o pré-UFMG, nessa mesma época, e no Pré-UFMG você tinha também que fazer o teste de seleção para poder... ele era pequeno na época, tinha duas, três turmas só e também pagaria 50 reais, isso em 98. Aí acabou que eu também não, eu não consegui passar no pré-UFMG, mas fiz um cursinho que chamava Equipe que ficava no mesmo prédio do pré-UFMG, na época eu tinha um namorado que estudava no pré-UFMG e eu estudava no Equipe. Mas o pré-UFMG tinha mais status, então assim, estudar no pré-UFMG naquela época era muito bom. Mas lá também era sofrido porque eu trabalhava o dia inteiro, então eu saia de casa 6 horas da manhã, pegava o serviço as 8hrs, ai trabalhava de 8hrs até as 17hrs e saia para o cursinho as 19hrs. E ganhava muito pouquinho, então assim, metade do meu salário ficava no cursinho e a outra metade eu guardava, porque eu sabia que trabalhando e estudando eu não ia dar conta de passar, eu ia ter que só estudar, então eu guardava o outro dinheiro para um dia sair do emprego e poder fazer o cursinho o dia inteiro. Então assim, foi uma fase difícil, não tinha muito o que comer, ficava muito cansada, adoeci, aí meu estômago fechou, colou, como eu comia muito pouco aí ele foi fechando, aí tive síndrome de pânico e tudo aconteceu nessa época. Que era muito complicado, eu chagava muito cansada em casa, aí eu saia o cursinho começava as 19hrs e terminava as 23hrs aí era ali no edifício Dantês, na Amazonas, e meu ônibus passava na Paraná, e naquele percurso ali o que tinha de prostituta sabe, gente fazendo programa assim era uma coisa enorme, e eu assim já deprimida, já cansada da situação e na época também tinham os pivetes, muito pivete no centro naquela época, eles cortavam os cabelos, sempre ameaçando a gente, então assim, eu vivi isso tudo junto e eu sei que eu ia para o ponto de ônibus e ficava com os meus cadernos ali e já estava tão estressada que eu ficava torcendo para alguém chegar, parar um menino desses, criar confusão, para eu ter em quem descontar a minha raiva, já não queria nem saber. Essa questão das diferenças sociais também me incomodava porque eu pensava assim, nossa, estou aqui nessa luta para conseguir estudar e tem gente que tem estudo fácil, vem de uma vida tranquila a vida inteira e aí sonha com a UFMG, não chega nem a ser um sonho, que para eles é realidade, é lá que você vai estudar e acabou. E ainda ganha um carro, ainda tem isso, você passa e ainda ganha um carro. Então, isso tudo ficava na minha cabeça. Acabou que isso também ia atrapalhando a minha concentração nos estudos, assim, estava tudo muito misturado. Então, eu sei que tinha dia que eu sentada ali ficava vendo aquele tanto de rato passar, (...) aquele tanto de lixo e vinham os garis chutando aquele tanto de lixo para cima de você levando seu pé e tudo, aí você já se sentia assim, gente assim, eu sou um lixo. Mas nunca passou pela minha cabeça assim, desistir, sabe? Eu não sei quantos vestibulares eu ia ter que fazer, mas desistir não, então assim eu estava convicta de que eu vou entrar lá, então era o único lugar, é lá que eu vou entrar, eu escolhi isso para mim é lá que eu vou estudar. E acabou que a minha família sofria com a situação, que eles não ajudavam, mas sofriam, então para eles era mais fácil eu desistir, porque aí eu desistindo essa dor deles também passava, mas eu não desistia. Falei assim, não, eu

não vou desistir. Então assim, eu já estava tão paranoica com essa situação difícil que até no André Luis eu fui parar, aí quando o medico me receitou a tarja preta:_ você vai ter que tomar isso porque senão a sua situação vai começar a ficar mais complicada_, que eu percebi assim, não, eu vou ter que reorganizar. Começar a tomar esse remédio nova assim, não, eu não vou começar não. Aí realmente eu não tomei o remédio e fui tentando outros recursos, para poder sair daquela situação difícil. Acabou que um ano eu consegui, esses dois anos de cursinho, era o meu quarto vestibular e assim, toda vez que eu não passava era um desespero. Aí quando eu fiz o quarto que eu passei para a segunda etapa aí que eu peguei a prova da segunda etapa e sabe quando você pega uma prova assim, que você não sabe nada? E eu não sabia nada, naquilo eu olhava para as questões em pranto, gente, quatro anos de estudo, dois anos de cursinho, passei a minha vida inteira na escola sempre fui uma aluna dedicada peguei uma prova dessas e não sabia nada? Eu pensei assim, eu fui enganada a minha vida inteira, estudei a minha vida inteira em escola publica, me enganaram na escola publica, não me ensinaram o que tinham que ensinar para eu estar aqui. Então essas coisas todas vieram ali junto, até mesmo na minha formação hoje de agir assim, eu não posso enganar o aluno. Então se tem algo que isso aqui é o mais difícil, sabe, é isso aqui que cobra, é aquilo ali que eu farei. Eu não quero que eles passem pelo que eu passei, de pegar uma prova e vê assim, eu nunca ouvi falar disso, me sentir enganada. É melhor eles pegarem a prova e falarem assim, nossa, se eu tivesse estudado, o meu professor falou disso, é diferente sabe. Então assim eu entrei em uma depressão assim, profunda, profunda. E aí foi quando eu realmente vi que eu já tinha um dinheirinho bom na minha poupança e conversei com meu chefe na época, na farmácia, falei com ele que eu tinha, que quilo não era para mim, que eu não queria aquilo para mim, que eu queria continuar estudando, então eu não ia passar no vestibular se eu não só estudasse um ano e se ele me dispensava para eu pegar meu beneficio que ai eu já tinha feito as contas dava para pagar o Soma, que era o cursinho mais caro da época. E aí ele ficou me olhando assim, falou vou pensar e depois te dou uma resposta e nada que me deu a resposta e um dia eu falei assim, não, vou ter que ligar de novo, aí eu liguei e ele me perguntou, você tem certeza que é isso que você quer? Porque muitas meninas saem com essa visão de que querem um futuro melhor e depois não conseguem e aí depois você vai ficar sem emprego. Eu falei assim, não, é o que eu quero mesmo e aí ele fez, ele fez o acerto comigo e tudo e eu sai da farmácia e assim imediatamente fui no Soma e fiz a minha matricula, agora vou estudar no Soma e vou estudar de manhã,o dia inteiro, e a primeira coisa que eu fiz já foi comprar a blusa do Soma, sou do Soma. E ainda tinha isso, tinha isso de olhar os outros candidatos e nossa, ela estuda no Soma, tinha muito disso e a primeira coisa que eu fiz foi comprar e fazia questão, apostila era enorme e eu fazia questão de levar todas, todos os dias para todo mundo ver que eu estudava lá e que eu estava dedicando. Isso foi em 2001, eu estava fazendo o vestibular de 2002 para a Federal, e era assim a minha vida nesse ano, o dinheiro que eu tinha assim, para me sustentar, mas eu ainda tinha os problemas em casa, ah, tem que fazer isso, tem que pagar isso, e eu ainda tinha que tirar do dinheiro para isso para poder ajudar em casa, mas assim, tudo, eu não comprava um chocolate, não comprava nada, o dinheiro era todo para investir no cursinho e aí foi o ano que teve

também uma greve gigantesca e que aí pela primeira vez eles adiaram o vestibular então atrasaram eu acho que um mês a prova e com isso o nível aumentou mais ainda, porque o povo estudou mais ainda para passar, mas ai eu passei, foi o ano que eu passei. Mas ai eu já estava tão cansada, sabe quando você já esta tão cansada que você nem comemora, eu não tinha força nem para comemorar, quando eu vi meu nome escrito lá eu não tinha nem força para comemorar. Minha sensação foi assim, missão cumprida, enquanto todo mundo estava gritando e se pintando, eu não tive isso, sabe, eu só voltei para casa e com aquela coisa assim de cumprido. Aí meu pai passou mal a vizinha que é enfermeira teve que ir lá para poder acudir, porque ele ouviu o meu nome na Itatiaia, porque na época a Itatiaia soltava as listas e lia o nome de todos os candidatos que tinham sido aprovados e como ele ouvia o programa todas as manhãs e ele ouviu o meu e disse que assim, passou mal. Eu estava no centro e ele assim passou mal de ver que meu nome estava lá. Então são essas coisas assim que acontecem. E aí eu entrei, achando que, com a ilusão de que pronto, agora as coisas estão resolvidas e não estavam resolvidas, então assim, aquilo ali para mim foi um sonho, senti muito assim, foi uma busca de muito tempo para poder entrar em uma Universidade. Aí você entra e fica meio assim, decepcionada, eu estava achando que aquilo ali, as pessoas que estavam ali tinham um nível muito acima de intelectualidade e tudo e você vê que não, são pessoas comuns, são pessoas normais também é busca o tempo inteiro e você percebe que a busca do conhecimento é sua, então que não vai ser diferente que não vai ter algo do topo, vamos dizer assim, te dando todas as dicas. É você com você mesmo e não tem aquele conhecimento assim, existe isso, agora se você quiser aprofundar você corre atrás, então isso me deixava um pouco angustiada. E aí no mesmo ano que eu passei no vestibular da UFMG foi o mesmo ano que eu passei no concurso do Estado. Então apesar de eu ter calculado, o dinheiro que eu tinha foi só para me manter fazendo o cursinho, eu não tinha o dinheiro para me sustentar na faculdade. Porque mesmo sendo pública a faculdade a gente sabe que não é totalmente de graça. Então eu já tinha esse estresse, essa preocupação. Então ao mesmo tempo em que eu estudava para passar no vestibular saiu esse concurso do Estado para trabalhar na secretaria, aí eu fiz esse concurso, porque era o único cargo que conciliava para eu estudar o dia inteiro na federal e aí na secretaria da escola eu poderia trabalhar a noite. Então eu fiz as duas coisas juntas e passei nos dois, o resultado saiu muito próximo um do outro. Então eu já tinha pelo menos assim, bom, financeiramente pelo menos eu estou garantida., assim, vou dar conta de fazer. E aí foi aquela luta de o Estado não efetivou, ele contratava, e você escolhe, eu tinha que escolher uma escola que fosse de fácil acesso para mim, que eu iria estudar o dia inteiro e trabalhar a noite eu não podia ir para uma escola dentro de uma comunidade, perto de um gueto a noite não dava, para mim era arriscado demais. Então tinha que ser uma escola central ou uma escola próxima da minha casa. E foi aí que eu caí no Instituto (IEMG), estudei lá e caí lá de novo como funcionária, porque foi a escola que saiu a vaga no dia que eu escolhi, primeiro eu fui designada e aí depois eu fui efetivada lá e eu estou lá até hoje. Então as coisas casaram “certinho”. E trabalhei muitos anos lá a noite, então o período “todinho” que eu fiz a faculdade eu fiz a faculdade trabalhando. E isso foi muito difícil, porque ouvi mesmo assim de professores, professores mais da parte lá do ICB, da

Educação Física nem tanto, mas do ICB ouvi muito coisa do tipo: - Ah, você tem que escolher o que você quer da sua vida ou trabalhar ou estudar, porque aqui a gente valoriza quem estuda, a gente quer formar são cientistas, se você precisa trabalhar então não serve para nós. Ouvi muita coisa desse tipo lá na faculdade, mas aquilo que mais me marcou foi uma professora lá também do ICB que virou para mim e falou assim... que eu pedi, eu tinha caído na prova especial de bioquímica e pedi para ela, o resultado tinha saído em uma terça e eu acho que a prova seria em uma quarta e aí eu pedi para ela se a prova não poderia ser em uma segunda feira, porque como eu trabalhava a noite aí eu podia estudar no final de semana. E aí ela virou para mim, friamente, e falou assim: - Olha, aqui, se você está aqui e resolveu fazer um curso para estar aqui junto com os melhores, com tipo os alunos que podem dedicar a vida ao estudo, não precisam trabalhar, você tem que estar no mesmo nível deles, nas mesmas condições. Se eu marco a prova para amanhã eles tem condições de fazer, então se você escolheu estar aqui na UFMG, aqui é assim que funciona. E na época eu fiquei assim muito chateada, muito magoada com a professora. O quê que custa, assim, fazer a prova na segunda feira se querem medir o meu conhecimento o quê que custa? Mas aí eu fui parar para pensar, ainda mais depois que passou, e pensei é verdade, se eu que sou pobre e escolhi estar aqui estudando no meio de rico, porque na época era isso mesmo que acontecia, hoje está bem mais popular, mas antes não era assim, aí eu coloquei na minha cabeça, você escolheu estar aqui no meio dos ricos então você tem que se adaptar as regras deles. Então eu tentei, fui reprovada na disciplina, e não tem problema não, fui reprovada é começar tudo de novo. Eu fui me adequando lá na faculdade a essas questões e comecei a colocar na minha cabeça, o curso, foi em uma época que a licenciatura e o bacharelado era um curso de quatro anos e meio, mas eu já tinha colocado para mim, quatro anos e meio para eles que não precisam trabalhar, mas para mim não. Eu sei que para mim vai durar um pouco mais. Então eu já fui assim calculando para mim e fazendo aquela linha do tempo, o tempo não é o mesmo para todo mundo. Os meninos da minha sala tinham dezessete estavam fazendo dezoito anos e eu tinha vinte e quatro, eu já entrei diferente. Mas também entrei mais madura, mais certa, não tinha tanto medo, a forma as vezes como os professores tratavam a gente ameaçando o tempo inteiro com conceito, como se o conceito fosse dar direção do quê que a gente ia ser profissionalmente. Então essas coisas não me abatiam. Às vezes uns colegas meus coversavam comigo, ah, como que você não importa de ficar como reprovada em uma disciplina, seu histórico vai ficar sujo e depois na hora de você fazer um mestrado ninguém vai te aceitar porque aí tem que ser o A no mínimo um B, no seu histórico tem D, tem E tem F, não sei o quê, aquela coisa, e eu nem aí, eu até brincava com os colegas assim, anota aí o que eu estou dizendo, vai chegar um dia em que essa Universidade vai me convidar para fazer mestrado aqui, não vou ser eu que vou implorar, eles vão me convidar. Então já tinha essas coisas assim, sabe? Os meninos ficavam assim, é impossível isso acontecer, porque tinha isso mesmo, os professores humilhavam a gente na sala: - Porque esse tipo de aluno, C já não serve para nada, D desiste de viver! Era assim que eles falavam mesmo com a gente na sala, até mais os professores voltados para a questão da fisiologia do exercício, aquilo entrava no meu

ouvido, entrava de um lado e saia do outro. Eu não estava nem aí, não estava nem aí! Ainda tinha aquela questão de que professor bom é professor ruim, então valorizava muito o professor que era mal, que era extremamente severo, mas que didaticamente, para dizer a verdade, não era nada, sabe assim, nada!Então, se falava: - “eu passei com tanto com fulano de tal”, não era nada, fulano nem dá aula, como é que você pode classificar esse professor como professor tão bom, sendo que nem dar aula ele dá. Ele tem assim, critérios muito rígidos para te avaliar, mas não te dá conhecimento nenhum é a gente que traz, que lê um monte de artigo e vem e faz a apresentação, ele só dá nota na apresentação que a gente faz e dita se a gente é bom ou se a gente é ruim o tempo inteiro, isso não é professor! Então como eu já tinha feito o magistério, que te dá uma base muito melhor do que dá a licenciatura, de como que você tem que se portar com a sala de aula, de todas as estratégias que você tem com o aluno, como conhecer o aluno, isso aí eu já tinha visto, então a minha condição de avaliar os professores também era bem diferente do que os meus colegas. E eu já trabalhava no Instituto e conhecia as leis e as legislações educacionais, então assim, eu sabia que a faculdade estava muito distante da realidade escolar (...) eu tinha parâmetros para discutir lá com os professores lá no período da minha formação acadêmica ali, o que de fato era a escola. Porque eu já trabalhava em uma escola, apesar de ser na área administrativa, mas eu já tinha esse olhar também pedagógico para coisas que aconteciam dentro do Instituto de Educação, então eu conversava mesmo, com propriedade de causa ali, e isso incomodava, claro que incomodava!E discutia muito essas questões de professores que nunca deram aula na educação básica e que estão lá na Universidade ministrando aulas para professores que vão dar, achando que sabem o que é educação básica, não sabem! Conhecem assim, tem o conhecimento de quando ele estudou lá, mas ele não sabe o que é, só sabe quem está ali todo dia. Então assim, eu já tenho esse receio também de que o dia que eu precisar me afastar da escola para realmente investir em um mestrado, investir em um doutorado, esse tempo que eu estou fora eu estou perdendo. Isso também me assusta um pouco porque a escola ela muda todo ano. Então se você se afasta um pouquinho, sabe, você está perdendo! É uma geração que você pega ali e que você vai ficando para trás mesmo! E também me assusta de ter que sair, porque eu gosto mesmo, do ambiente escolar. (...) A minha formação foi muito crítica, acerca até da forma como as coisas eram cobradas na Universidade, que são muito distantes também da realidade. A forma como as provas são elaboradas, é muito ultrapassado! Muito ultrapassado. Então, aquilo me incomodava, até mesmo no meu período de formação ali eu já percebi, não, eu quero ser diferente disso tudo. E eu tive que bater de frente com muita gente, passei por essa fase ali da legitimação da educação física, coisa que, aquilo para mim incomodava e muito, porque para mim a educação física na escola era mais do que legitima, só pelo gostar dos alunos, ela já é mais do que legitima. O que estava faltando era realmente profissional interessado em atuar, mesmo que ela fosse apenas, vamos colocar nessa condição, só esportivista, mas na escola a gente não vê nem isso com qualidade. Eu que tinha passado por escolas com educação física muito boa que eu sei que condimentam muito a minha formação, nem essa questão esportivista eu via, então o problema que eu enxergava, mesmo no meu período de formação ali na educação física, não era só a

legitimação de educação física, era muito mais a legitimação da auto estima do profissional do que da disciplina! Porque diante dos desafios ele fica acomodado e com essa questão da legitimação então que eles começaram a ficar mais perdidos ainda, porque já não sabiam nem o que fazer. Ah eu vou fazer, eu vou dar aulas de esportes vou ser crucificado, a sei, vou dar uma aula de esportes teórica vou ser crucificado, então assim, estava tudo errado. Então caiu nessa que eu acho que o professor caiu mesmo naquela situação, então tá bom, eu não faço nada. Que era muito mais fácil, joga a bola gente, faz o que vocês quiserem. E eu acho que as coisas foram caindo muito nesse sentido. Então assim, eu sempre gostei muito de esporte e sempre gostei muito de competir, a minha vida foi competição o tempo inteiro! Então essa questão do competir, lá na faculdade, que no meu tempo era muito crucificada, também me incomodava. Eu lembro, é (pausa curta) não sei na aula de qual disciplina que o professor era contra essa questão da competição e claro que a competição reforça, aquela questão toda, e como eu sabia que a minha vida inteira tinha sido uma competição até mesmo o fato de entrar ali na Universidade, sabe, uma competição cruel, e cruel por que na minha sala de 55 se 5 estudaram em escola pública era muito. Existia aquela distância socioeconômica ali o tempo inteiro e que me machucava! Carregava mochilas pesadas, pegando ônibus para ir para aula enquanto eu via os meus colegas todos indo embora de carro felizes e contentes e eu ia trabalhar e a maioria ia para o CEU (Centro Esportivo Universitário) se divertir, porque eu não tive isso. E ir para festas assim, no período que eu fiquei na faculdade, para você ver, eu entrei em 2002 saí em 2008 eu fui a uma festa. Porque assim, eu não tinha tempo, para curtir a faculdade igual eles curtiam, eu não tinha! Não tinha tempo nem para fazer os trabalhos em grupo direito, tinha que fazer de madrugada. E isso me incomodava. Então um dia eu me posicionei em sala, falei: "- Espera aí, eu não entendo essa fala, esse pensamento de que a competição é cruel acontecer sendo que a própria UFMG reforça isso aqui dentro todos os dias. Vocês são contra a questão da competição, acham que ela não é válida na sociedade e que agora quer tirar isso, dos alunos da escola pública não é? Vocês querem tirar essa questão da competição dos alunos da escola pública porque da particular tem também! Ainda vai tirar a educação do menino da escola pública de ser um cidadão forte, resistente, treinado para competir, já tira dele essa condição de competir. Então para ele vai ficar sempre o que sobra, não estão educando o menino dentro dessa sociedade real, para ele vai ficar realmente o que sobra. Porque os outros da escola particular estão sendo treinados o tempo inteiro para competir, e para ser os melhores. E as melhores posições nessa sociedade a gente depende da competição para chegar lá!" E eles ficaram me olhando assim, o professor. "- E inclusive aqui, eu tive que competir para chegar aqui, então se eu não tivesse esse espírito de competição eu não tinha nem tentado, eu já tinha desistido antes, se eu tivesse sido educada nessa linha de que não, porque é desigual, ficasse batendo nessa tecla, não, é desigual, vamos lutar pela igualdade, pela igualdade e não tivesse sido treinada para competir eu não tinha chegado aqui. Então porque você não corta então o vestibular, vamos cortar então pelo menos para a educação física. Fazer outro tipo de avaliação, por simpatia, por interesse, por afinidade, e vocês escolham aí. Como é que vai ser?" E aí assim a sala inteira ficou em silêncio, não tinha

o que dizer. E ai eu ainda completei: "- Professor porque eu sei que eu sou uma profissional dedicada, gosto muito da área da educação o meu mestrado aqui está garantido. Ou eu também vou ter que competir com quem tem muito mais condição do que eu, que pode estudar, porque eu também tenho que estudar e trabalhar, isso vai ser levado em consideração lá na hora? Ou não? Eu vou ter que competir nessas regras cruéis aí?' Não tinham, não tiveram resposta. Certo, então assim, aí eu acho que eles começaram a não, não é bem por aí que funciona. Então, quando eu formei de lá fiquei cansada, porque foi assim um embate, esse conflito o tempo inteiro assim, eu concordava muito pouco, muito pouco com as coisas que aconteciam lá. Eu achava que estava realmente muito distante, assim, principalmente da escola pública. E via também na minha sala o pouco interesse em todo mundo em ser professor. Porque aquela questão assim, a auto estima aí descendo um tanto, tanto, tanto, a questão da educação física, que não tem valor, que não é legitima, que ninguém sabe o que ensinar na escola e para mim, na minha cabeça, eu já via tantas possibilidades, tantas coisas, que eu não conseguia entender porque o pessoal está nessa. Para mim era tão fácil de pegar qualquer coisa e ser um sucesso na escola e que aí, foi na hora que aconteceu o projeto da ginástica rítmica no Instituto, quando eu trabalhava no setor administrativo, estudava, o dia inteiro na faculdade, em 2006, quando o Instituto foi fazer 100 anos. E mesmo no setor administrativo eu ficava muito incomodada, estava sempre dando os meus "pitacos" pedagógicos na escola, o quê que tinha que fazer o quê que não tinha que fazer. Então na verdade eu não estava só no administrativo eu ficava muito mais tempo na escola do que o tempo que eu precisava porque eu queria saber o quê que acontecia, então eu sempre estive envolvida em tudo lá. E também as pessoas me reconheciam mais lá muito mais como professora de educação física do que na administrativa, tem gente que nem sabia que eu trabalhava na secretaria da escola. E aí em 2006 a diretora estava apertada porque ela tinha que fazer uma apresentação para comemorar os cem anos do Instituto e dos doze professores de educação física do Instituto ninguém sabia o que fazer para comemorar esses 100 anos. E aí ela foi atrás de mim, na secretaria, eu tinha sido baliza do Instituto muitos anos quando estudei lá e treinava as balizas na época para poder desfilar o 7 de setembro e ela foi atrás de mim me pedir para montar, porque ela queria um espetáculo de dança para comemorar os cem anos do Instituto de Educação. E aí eu pensei, e pensei, e falei, tá, então nós vamos fazer uma troca, isso ela me pediu foi em Março e o Instituto ia fazer 100 anos em dezembro. E eu falei assim, tá então vamos fazer uma troca porque eu não gosto de fazer nada mal feito, então na verdade nos vamos criar um projeto aqui e vamos fazer de ginástica rítmica, que é algo artístico e na época eu gostava muito, eu tive contato mesmo com a ginástica rítmica foi na faculdade, e falei assim então a gente vai fazer um projeto selecionar as meninas que queiram participar e elas vão ficar comigo o ano inteiro e no final do ano elas vão fazer uma apresentação. E aí a diretora topou, falou assim, não então tá, mas em que horário você vai fazer isso? E eu, vou fazer isso de hora extra, vai ser um projeto voluntário. Então a gente começou dia de semana e tinha sábado também e aí eu também falei com ela, mas tem um preço que tem que comprar os materiais para as meninas, os arcos, as fitas, e ela falou não, vamos começar eu

consigo, eu compro as coisas. Então foi assim que começou! E aí eu selecionei as meninas no auditório e aí que eu coloquei, comecei a espalhar os cartazes na escola, ninguém estava entendendo porque o Instituto tinha tido uma tradição, mas há muito tempo atrás, há décadas atrás, de ginástica rítmica, mas acabou não tinha mais nada disso. E aí no nosso auditório eu sei que fizeram, mais de cem meninas fizeram inscrição para participar do projeto e daquilo mesmo eu tirei, porque eu pensei assim, oh, cem meninas, eu espalhei o cartaz que eu acho que ficou uma semana no período da inscrição escolheram, essa história de que os alunos não querem fazer nada na escola, não querem mais atividade física, não querem praticar, não, isso não é verdade. Isso para mim ficou claro porque essas cem meninas que estavam inscritas ali não faziam as aulas de educação física. Depois na conversa que eu tive elas mesmas reclamaram, eu não faço a aula de educação física porque a aula de educação física é ruim. E eu não gosto de entrar só na quadra porque eles jogam a bola e os meninos batem na gente e aquela coisa toda e eu comecei já a observar e falei assim, não, tem alguma coisa errada acontecendo na escola. Porque a maioria dos discursos era sempre de que o aluno não queria, o aluno não valorizava e aquela conversa que não pode ser, não é? E aí tinham cem meninas inscritas, e aquele número me assustou, falei assim, minha nossa, como é que eu vou montar meu espetáculo de ginástica rítmica com cem meninas? E aí eu falei com elas, na reunião elas todas eufóricas e eu não tinha nem limitado as idades, eu só não peguei as pequenininhas porque para elas tinha que ser diferente a principio, elas entraram depois, mas no inicio foram as meninas do 6º ano do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, todas ali misturadas. E comecei a ouvir delas primeiro, porque que elas estavam ali, e a maioria: ”-Porque eu queria fazer algo diferente na escola”, “-Porque a escola está chata”, “-Porque a gente vem aqui e passa despercebida”, “- Porque eu tenho vontade de aparecer”, elas queriam ser protagonistas de alguma coisa e encontraram ali a oportunidade. Umas queriam praticar atividade física, outras falaram que gostariam muito de fazer ginástica rítmica, mas não tinham dinheiro para pagar, então assim, começou assim. E eu falei para elas, que eu quando eu abri o projeto eu abri sem ideia de quantas meninas fariam, mas não vai ser “oba,oba”, vai ser, a gente tem uma meta, nós temos um espetáculo para apresentar e o governador vai estar aqui, então tem que ser uma coisa de nível mesmo, então provavelmente das cem que estão aqui muitas vão desistir, então eu já estou avisando para vocês com antecedência, porque vai ser puxado. E elas assim todas muito entusiasmadas, de primeiro momento, mas garanti para elas também, que olha, mas se chegar ao final as cem eu prometo que eu coloco as cem em condições de fazer um bom espetáculo. Da mesma forma que se chegarem duas, nós vamos fazer um bom espetáculo com duas. Então assim, ali em tracei com as meninas um pacto, elas confiaram em mim ali, no que ia acontecer. E a coisa foi desenvolvendo com todos os problemas possíveis, a falta de espaço, as vezes tinha que fazer no chão duro e as meninas saíram assim imundas, que a gente não tinha material nenhum, o material custou a chegar, na verdade ele chegou umas duas semanas antes da apresentação, elas ficaram o tempo inteiro na expectativa vem o material e não vem e aí ficou aquela (...) toda e isso aquilo foi me consumindo. Só que eu sei que com um dois meses que as meninas estavam ali no treinamento você já começava a aparecer convites

para apresentar, ah porque vocês foram convidadas para apresentar em escola tal, só que as meninas já começaram a realmente ser as protagonistas daquele espaço escolar, então assim era apresentação direto, então eu tinha que estar sempre modificando, criando coreografia diferente e os pais muito entusiasmados com aquilo, muito felizes, e eu percebendo que precisa e aí a gente ficou nessa, aí fizeram a apresentação dos cem anos que foi assim maravilhoso. Foi um espetáculo de duas horas de duração, tinham assim, eram doze números diferentes, e eu acabei sendo a referência na escola para tudo quanto é trabalho envolvendo esporte, atividade física, apresentação, até mais as apresentações, eu virei a referência da escola. Então todo professor que precisava disso ia na secretaria me chamar para eu poder montar e eu sempre montava em horário extra, porque eu não podia deixar o meu afazer ali burocrático, eu tinha que montar no horário extra. Mas nunca importei e isso foi tomando assim proporções enormes, porque as nossas condições físicas eram péssimas, mas não era um empecilho para poder desenvolver um trabalho de qualidade. Aí com isso, e nós ficamos cinco anos assim aí por fim chegou uma hora que ficou insustentável, aí teve época que eu, a vez que eu larguei que tinha 85 alunas, aí elas já tinham uniforme, a "roupinha" mesmo da ginástica, já tinha meninas "pequenininhas", aquela coisa toda, e a gente tinha aquele controle de uma menina maior cuidar de uma menina "pequenininha" de 6, 7 anos então elas também tinham essa vinculo aí para dar conta do recado. E aí quando chegou em 2009 percebi que eu não dava conta mais, aí eu escrevi um projeto para a secretaria, um projeto até grande, pedindo para vamos formalizar o projeto, aquela coisa toda, com verbas especificas, com mais profissionais, que sozinha eu não estou dando conta mais, e aí o projeto não foi, acharam o projeto lindo e maravilhoso, mas não foi aprovado, foi assim, ah não podiam disponibilizar verba para isso, aí eu cansei sabe, eu já estava assim esgotada e com vários problemas que a gente vem assistindo na educação aí eu decidi que eu ia sair, falei assim, não, eu vou sair da educação. Aí comecei a estudar para um concurso do TRT, fiz cursinho, falei assim não, quero sair da área porque assim já estava decepcionada porque eu via que o problema não era com os alunos o problema era o sistema, o problema era o dinheiro que não chegava que tinha, mas não chegava de quem tem, a elite que comandava a educação não estava interessada em fazer uma educação pública de qualidade. Das reuniões que eu tive com gente do poder ali que define ficou claro pra mim, eles não estavam interessados. Então aí, eu desanimei! O problema era maior do que eu estava imaginando, o problema não é aqui na nossa comunidade escolar ou dos interesses do professor, o problema é la em cima. Porque a gente vem desse trabalho todo chega aqui no topo, agora eu preciso de um investimento, tem o dinheiro e ele não tem o interesse em liberar, eles não estão nem aí, não querem nem saber. Sabe e as meninas fazendo as apresentações, a gente sempre mandava convites para os representantes da Secretaria da Educação, nunca aparecia ninguém, sabe então eles não tinham interesse. Aí então eu fui começar a estudar mais profundamente e entendi a situação do quê que é a Secretaria da Educação de Minas Gerais, mais de perto, assim, conhecer as pessoas, saber quem era quem, qual que era a função e de fato ler a legislação e entender como que funcionava o processo e como eu trabalho na secretaria isso para mim ficou muito mais fácil, esse acesso à verdade, da

forma como que os professores eram contratados, como os projetos eram jogados na escola, normalmente eram para favorecer uma empresa que ia só participar e ganhar dinheiro em cima disso, então na verdade essa coisa voltava em cima tudo de dinheiro a escola ela é só usada, tudo isso em um setor de manobra política e isso me incomodava muito. Não querem nem saber se o aluno está ali desenvolvendo ou não os alunos são só estatísticas. E começaram a desenvolver essas "provinhas" para avaliar a condição deles em matemática e português, que o nível é baixíssimo nas provas, eles não tem o interesse, isso tudo me desmotivou muito, eu percebi que a guerra era bem mais em cima e aí isso me cansou, então, e eu brigando na escola direto, porque ai eu não aceitava e me posicionava e aí comecei e comprar briga com gente grande e aí eu comecei a ficar conhecida também, por causa disso. E, mas também não tinham muito que fazer comigo porque no Estado também isso é claro quem tem mito conhecimento é melhor deixar quieto do que ficar provocando, então tinha toda essa situação. Aí com isso eu já tinha desistido, eu ainda estava na secretaria, aí eles resolveram reinaugurar o Pedro II, porque até então o Pedro II tinha sido desativado desde 2007 e não ia ser mais escola, a ideia mesmo era que aquilo fosse um museu. Então eu nas férias, foi em 2010, fevereiro, "finalzinho" de janeiro de 2010, aí eu recebi um telefonema da diretora do Instituto falando que era para eu comparecer imediatamente na escola, que eu estava de férias. Aí eu fui, sem saber o que estava acontecendo e ela me informou que o Pedro II ia ser reaberto e que eles estavam escolhendo os professores a dedo que iam para lá, porque o projeto era um projeto novo. E aí eu sem entender o quê é que eu tinha a ver com aquilo e eu nunca tinha atuado de fato depois de formada com educação física oficialmente. Eu formei em 2008, então assim, todos os projetos que eu vinha desenvolvendo eram todos voluntários. Eu já tinha tido minha experiência com a docência lá nos meus 17 anos, dos 17 aos 20, depois isso se encerrou, depois tudo o que eu fiz sempre foi voluntário eu nunca tive um vinculo direto com o sistema, dentro das regras do sistema, então eu fiquei assim, fiquei até mesmo impressionada, mas eu já tinha mudado de ideia, eu falei assim, mas eu já decidi afastar estou fazendo um curso, eu falei para ela, não, mas eu não quero ser mais professora. Aí ela insistiu, falou assim: - "Não, mas eu acho que vale a pena porque lá vai ser no "jeitinho" que você gosta é uma escola diferente, você vai poder montar a educação física do jeito que você quer, que eles estão completamente perdidos, eles não sabem o que fazer, queriam tirar a educação física do currículo de lá, porque lá não tem as quadras é proibido de ter, de desenvolver os esportes com bola, mas eles não conseguem tirar a educação física de lá porque está na lei, tem que ter. Então ai o seu nome foi cogitado porque se você conseguiu fazer tudo o que você fez aqui no Instituto sem nada é essa lógica que eles querem que você desenvolva lá. Se ela fez aqui, que é uma escola muito maior, ela faz lá!" Aí eu aceitei sabe, o desafio, falei tá, então, aí eu fui, que é ali pertinho, e fui lá conversar com a diretora que já estava me esperando e aí ela me explicou a situação do Pedro II, falou, oh, estamos em uma situação difícil, não tinham nem carteira, porque lá o ano letivo ainda começou atrasado, começou em Março, para os meninos que estavam no Instituto, começaram o ano no Instituto e do Instituto foram para lá. Porque foi tudo assim, de imediato; ela falou assim, olha, eu tenho um problema aqui porque a gente

precisa desenvolver um projeto de educação física, primeira coisa aqui é mudar o comportamento dos meninos porque eles vem do Instituto uma escola onde eles são cheio de liberdade e aqui a exigência é que as rédeas sejam curtas. Porque o nível deles vai ter que ser altíssimo intelectual e a gente sabe que com essa falta de disciplina que eles tem lá, não vai ser possível isso aqui, então a gente precisa de alguém de pulso forte. Aí eu falei assim, não, dá para fazer e ela falou assim e eu quero uma educação física de alto nível que seja referência, mas a gente não tem nada. Aí ela foi me contar como é que tinha que ser, olha a única coisa que eu tenho é esse "livrinho" que era o CBC (Conteúdo Básico Comum), é esse "livrinho", então assim, e desse "livrinho" também tem um tanto de coisa aí que você não pode usar, porque aí fala dos esportes e aqui não pode ter. Porque a gente não pode usar as quadras, assim, não tinha quadra, mas antigamente o Pedro II usava aqueles dois espaços lá na frente de quadras provisórias que eles montavam, eles adaptaram, mas aquele espaço não existe mais para atividades com bola, então você não pode usar bola nenhuma, você não pode trabalhar os esportes tradicionais que é o quê eles estão acostumados, futebol nem pensar, porque essas paredes também não podem ter uma "marquinha" de nada. E eu fiquei, ah, e não pode ter barulho, então assim veio um monte de "regrinhas" sabe, porque aqui vai ter que ser um ambiente exemplar de silêncio, porque com silêncio se aprende e aí veio aquela coisa toda. E eu fiquei assim, é, vai ser difícil, porque eu vou trabalhar com o corpo, é a hora que os meninos têm para extravasar e não pode ter barulho e ela falou assim, é não pode. Mas aí eu aceitei, esse é um desafio grande e ela falou assim é, porque tudo o que acontecer aqui, tudo, todas as disciplinas tem que ser a melhor disciplina do Estado, todos os professores que estiverem aqui eles devem ser os melhores professores do Estado porque a televisão vai estar aqui o tempo inteiro, a Secretaria da Educação vai estar aqui o tempo inteiro filmando tudo porque o investimento aqui vai ser alto. Aí eu gostei, sabe falei assim, não, aqui vai ser um desafio que eu já estou acostumada de uma vida inteira, falei assim não então tá, vamos fazer e aí aceitei e aí eles fizeram e esse foi o critério para todos os professores que foram para lá e de todas as disciplinas. E aí na primeira reunião com a Secretaria da Educação é que ela colocou para gente essa meta de que, principalmente a área da linguagem e a educação física na escola ela está dentro da área da linguagem, a gente tinha o compromisso de colocar os meninos lendo e escrevendo bem, porque nem os meninos que estavam indo para o ensino médio sabiam, assim, a escrita deles estava horrível. Então assim, eu já tinha que incorporar isso na educação física, nós somos da área da linguagem e educação física está aqui, então eu vou ter que não desviar da educação física, mas tem que juntar as duas coisas, vai ter que fazer sentido o conteúdo para os meninos. Então o planejamento já começou a ser montado aí, e aí para juntar essas coisas, por isso que a gente já começou no primeiro ano com eles primeiro de desenvolver essa questão da corporeidade, da questão corporal, do reconhecimento do ambiente, da linguagem que tem no ambiente, do reconhecimento do outro, da afetividade, que a partir do momento que eles dominassem isso e expressar isso, eles iam expressar isso no papel. Pelo menos tinha que surgir as ideias, para depois, até o professor de português vir lapidando isso daí dentro das normas da língua portuguesa,

então assim foi isso que foi feito, a gente trabalhou ali junto o tempo inteiro. E a educação física também ficou com essa questão do comportamento, então assim todos os professores tinham essa questão da disciplina, exigiam a disciplina, mas fundamentar o porquê que os alunos tinham que ter disciplina, essa era a minha função. Então eu tinha que dar este suporte e eu fazia isso com prazer, porque apesar da gente ouvir, que ah, que a gente não pode ser o espelho dos outros, eu não tinha problema nenhum com isso. Primeiro que eu não estava preocupada em legitimar a educação física na escola, eu estava preocupada era com o sujeito que estava ali dentro. Então o que eu pudesse fazer usando dos recursos que eu tinha da educação física para colocar aquele sujeito apto para o mercado, para a secretaria da educação, para a família, para ele mesmo, foi isso o que eu pensei. Então minha preocupação sempre foi o sujeito e não a disciplina. E por ai eu comecei a perceber que na verdade disciplina nenhuma tem um fim em si mesma, nenhuma, nem a matemática que diz não ela não tem um fim em si mesma, tem um propósito para você ter aquele conhecimento da matemática, tem um propósito. Então a disciplina da educação física foi se construindo. Assim, com 5 meses de trabalho no Pedro II, dentro dessa lógica, a educação física já era referência. O pessoal já começou a procurar a escola, queriam que eu fizesse curso de capacitação para as outras escolas, como os meninos já estavam inseridos dentro de um processo assim, tão rápido, e que foi pesado, foi muito conflituoso, eu tive que colocar os meninos estudando muito, até mesmo sobre a educação física para eles perceberem de fato porque que ela é importante. Então eles desconstruíram essa questão de que a educação física é esporte, lá eles não têm essa ideia de que a educação física é esporte, o esporte está dentro da educação física, mas ela não se resume a isso. Então eles conseguiram entender lá que a educação física é algo muito mais ligado a eles, que do corpo deles eles não vão se afastar jamais, só na morte, então que eles tinham que ter essa compreensão do corpo deles, do movimentar deles, o quê que a presença deles nesse mundo significava junto com o corpo deles e aí as coisas foram tendo mais sentido para os meninos, aí eles foram comprando a ideia da gente. Na vista de que aquele é o corpo deles e que aquele corpo tinha um significado foi ficando muito mais fácil de pegar todas as outras coisas que tem na educação física e justificar para eles, a questão do esporte, porque que está envolvido de fato com o esporte qual é a linguagem que o esporte traz, aí vem as questões emocionais, que eles perceberam que isso também não está dissociado. Se o esporte é o que é porque eles está muito mais ligado as questões emocionais que são produzidas no sujeito do que ele em si mesmo, então foi tornando rico e isso tornou se tornou motivo para ser discutido dentro da aula de educação física. Tudo se tornou motivo para se discutir, porque eles entenderam que qualquer processo que aconteça no mundo tem um sujeito lá que tem um corpo que está ali presente, então eles começam a fazer as análises a partir daí. A partir do que quê move aquele sujeito ali, então ficou mais fácil trabalhar. Aí a secretaria da educação entendeu isso também como muito relevante e a educação física foi tomar essa proporção. E o mais legal é que aconteceu justamente o que eu falava com os colegas de que um dia essa faculdade vai ir atrás de mim para poder mostrar como se faz e não eu ficar aqui atrás com meus históricos tentando entrar e foi exatamente isso que aconteceu porque em 2010

chegaram 4 estagiários lá da faculdade indicados por alunos que estudavam lá, foi assim que tudo começou, esses estagiários já davam aula em academia e acho que foi um deles que levou os 4, as 3 amigas dele e depois vieram até, na disciplina do Zé, que ele tinha que fazer o estágio de observação e aí ele era personal da mãe de uma aluna minha, que um dia estava na academia e ele comentando que precisava fazer estágio, que estava desanimado, que não gostava de escola e que aí essa menina falou com ele, então você tem que fazer estágio lá na minha escola, com a minha professora, para perceber que é completamente diferente disso que você está imaginando aí e aí ele foi. Porque ele tinha que fazer isso de qualquer jeito, aí ele foi e depois que ele viu como que era chegou mais três, assim, isso em 2010 no ano em que a gente começou em Agosto de 2010. E aí não parou mais, não parou mais, aí no final do ano que os meninos foram convidados para participar lá do encerramento da disciplina, do José Angelo e da Meily da observação então foram 28 alunos lá do Pedro II contar como é que era, os trabalhos que desenvolviam, aquela coisa toda e o pessoal gostou muito e aí em 2011 o José Ângelo já propôs a parceria da disciplina deles e foi quando você também foi dar a aula lá e aquela experiência toda. Então ali eu percebi, não, quando a gente é segura do que faz, certo, quando a gente acredita que faz realmente tem um caminho ali, tem um caminho, eu acho que a gente, é assim que vem as experiências, eu penso assim, se a gente pensasse igual todo mundo esse mundo não ia caminhar, ia ser sempre a mesmice, então são essas coisas diferentes mesmo é que movem, só que tudo o que é diferente tem também os seus impactos, tem os seus conflitos, tem a sua não aceitação. Aí eu comecei a estudar as biografias dos grandes personagens da nossa humanidade, de Froid, de Ainsten, todos passaram por isso, todos foram criticados, todos foram humilhados em publico em algumas situações porque queriam mostrar algo diferente, não teve um sequer que não passou uma situação dessa sabe, foi assim com Bethoven, foi assim com Mozart, foi assim com Michelangelo, todos eles. Então você começa a perceber que existe uma lógica dentro da humanidade, então eu acho que no que a gente acredita, a gente tem que investir, se é legitimo ou se não é não interessa, se é educação física ou não interessa, as coisas estão mudando. Hoje, a nossa educação física hoje ela não é como ela foi no passado, ela não é, ela é muito distante, então assim, ela ainda não é o ideal do que tem que ser, futuramente ela ainda vai ser muito diferente, daqui a pouco ela vai mudar até de nome, não vai ser mais esse nome, então eu acho que a gente tem que ter essa cabeça aberta de tentar acompanhar o quê que é a sociedade e hoje a escola tem deixado isso de lado, está muito atrasada. Perto do que tem que ser na sociedade de hoje em dia, não é só a educação física não, todas as disciplinas, então essa necessidade que a gente tem de legitimar a educação física na escola como matéria relevante, a matemática apesar da cúpula que define que ela tem que estar na escola, achar que ela é relevante, mas os meninos acham que não é, então tem essa questão, a educação física pelo menos lá no Pedro II, os meninos, a maioria, é relevante, agora você coloca: -“ E a matemática?” a matemática não, aquilo não serve para nada, assim, essa discussão a gente precisa fazer, peraí, de fato, o quê que de fato é legitimo aí? A outra pode ser legitima assim, legalmente, acima de tudo, não vai se pensar em jamais tirar ela da escola, mas para o sujeito que está ali dentro ela não é, dentro da forma que

ela tem sido desenvolvida. Assim como a educação física não é dentro da forma que tem sido desenvolvida na maioria das escolas, e nenhuma disciplina, a gente conversa com os meninos a gente vê isso a gente lembra da gente, perguntando para quê que serve isso, não serve para nada. Então como eu tive uma educação física pautada no esporte e na competição, era legitima (?), era, era competição (?), era, mas eu sabia para quê que servia aquilo ali (?), eu sabia. (...) era esporte, que era competir, um ganha, outro perde, ou empata e a minha moral também é construída dentro desse ambiente, mas eu sabia, tinha uma direção, então era válida. Agora, o que eu acho que não é valido é: -"Não sei realmente para quê que serve isso aqui", a partir o momento que eu só libero uma bola para os meninos, vocês vão aprender o que vocês querem, para quê que serve aquilo, se não serve para nada, não pode estar dentro da escola. Aí é qualquer disciplina, é qualquer conteúdo de português, é qualquer conteúdo de matemática, está todo mundo muito ultrapassado do que tem que ser. Então, precisa mesmo desse investimento acerca do que é a sociedade de hoje, aí o professor tem que estudar muito, tem que ultrapassar aquilo que é dele. Não adianta eu ficar só lendo a literatura de educação física que se eu só fizer isso eu não vou avançar dentro da atualidade, posso avançar enquanto conteúdo de educação física, mas enquanto visão de mundo, eu não vou avançar. Então é por isso que a gente tenta, lá, quando traz um tema da educação física a gente começa a fazer vinculo com várias coisas, para os meninos perceberem que as coisas não são isoladas, que uma questão vem puxando a outra, e aí vem a questão da neurociência de como funciona a aprendizagem, de como que o cérebro da gente é programado, essas questões todas e vai tornando o conteúdo mais rico. E sempre em conflito, porque a melhor coisa que tem para crescer é sempre o conflito. Ambiente confortável nenhum faz a gente avançar, então apesar de tudo o que eu passei para chegar até aqui hoje eu acho muito bom, porque se meu ambiente tivesse sido muito confortável, tudo dentro daquele padrão, hoje eu ia ser uma professora padrão e eu sei que eu não sou uma professora padrão. Eu sou uma professora fora do padrão porque a minha vida nunca foi dentro do padrão, certo, nunca foi, então assim eu não estou acostumada a viver dentro do padrão, eu estou acostumada a justamente sair do padrão. Então assim, hoje se comenta muito porque, ah, é um desafio ser um professor com a sociedade assim, para mim, tudo é um desafio, assim, a vida inteira você foi desafiada na hora que você chega na escola aquilo ali não é um problema, é um desafio, mas não é um problema, certo. Então do mesmo jeito que eu consegui entrar na Universidade com dificuldade e foi tudo assim, a dificuldade que eu vejo hoje na escola, é só uma dificuldade, mas que eu vou conseguir fazer e vai acontecer?Vai acontecer. Tanto é que por mais que todos os problemas que a gente enfrenta tudo aconteceu até hoje, nada do planejado deixou de acontecer. Então eu acho que é essa questão da briga, se necessário, ah ta difícil, muito conflito, a gente se desgasta emocionalmente e não vale a pena, não, vale a pena sim! Agora que tem mesmo o conflito, o desgaste, que você adoece, entristece e que tem hora que você fica tão chateada, ah, será que realmente vale a pena? Vale a pena sim! Mas aí tem que ver o quê que tem de valor, o quê que você coloca ali de valor? Se o valor estiver agregado á ascensão profissional financeira, não é o caminho, magistério nenhum vai dar isso, então não vale a pena. Mas se você coloca, a minha preocupação aqui na escola é a

formação do sujeito e por ele eu vou fazer tudo o que eu puder, para ele estar sempre atual, perto, e eu gosto muito de pensar até que a gente se eterniza nos meninos, a gente se eterniza nos meninos! Então isso para mim é que é a satisfação, se eu parar para pensar no financeiro, quantos anos que eu vou levar para comprar o meu carro, igual você colocou, quantos anos eu vou demorar para adquirir um apartamento, aí você desiste mesmo, você vai para outra coisa, não que essas coisas não sejam importantes, mas elas acabam acontecendo e eu acho que isso já até extrapola um pouquinho o acadêmico, as coisas que acontecem na vida da gente que a ciência não é capaz de explicar, mas que eu acredito que realmente tem a superioridade divina que também controla essas coisas, no sentido de dádiva na minha vida, não tem como não ser assim. Então se o valor é no sujeito, vale a pena. Mesmo que aquele sujeito te dê trabalho, se a sua meta é a educação dele vai valer a pena. Então eu coloco isso muito, o tempo inteiro que eu entro na sala de aula, to cansada, aí tem que corrigir a prova dos meninos, e eu sei que tem que deixar recado, porque se eu não deixar recado eles reclamam. Mas agora já tem dia que eu deixo e tem dia que eu não deixo justamente para desenvolver mesmo essa questão da frustração, igual foi a prova agora que eles fizeram no terceiro bimestre que não tinha recado mas que eu pedi para eles deixarem recado para mim. E eles já ficaram mal acostumados que, ah, você não deixou recado para nós e eu falei, não, às vezes a gente também precisa se frustrar, vocês estão tão acostumados a ficar alegres o tempo inteiro e que agora estão frustrados que dessa vez não tem recado para vocês, tem só nota. Então os meninos já não estão naquele conceito de dar a nota, os meninos querem recado, o quê que eu vi deles naquela prova e eu acho isso muito importante. E para nós da educação física é um avanço, que apesar de não reprovar, e que agora não reprova de jeito nenhum, que antes até ela junta com outra segurava menino, hoje não tem isso, e mesmo assim os meninos continuam fazendo trabalhos, eles continuam estudando para tirar uma nota boa e aí esse ano a gente ainda inovou na avaliação, então a preocupação que a gente tem lá de trazer as novidades para os sujeitos que as outras disciplinas não têm, continuam fazendo aquela avaliação assim, chatinha, para os meninos, morta, que os meninos sentem realmente que estão ali fazendo, só querem saber o que eu sei e não querem saber quem eu sou, quem que esse sujeito que sabe e na educação física a gente vai na contra mão, a gente já quer saber quem que é o sujeito que sabe e não o que ele sabe de fato. E aí nesse bimestre a gente inovou com três provas diferentes, com níveis intelectuais diferentes, onde eles escolhem qual que é o nível que eles querem fazer, então eles escolhem antecipadamente, uma vez que o professor ele escolhe o conteúdo que ele vai aplicar pro menino, escolhe questões do jeito que tem que ser e diz que aquilo de fato é o que ele tem que saber para dizer se ele é bom ou se não, ele é ruim. Então a gente, eu comecei a questionar isso, é isso mesmo? A gente decide para eles o quê que eles tem que saber e é isso aí que eu escolhi para a prova e se ele não acertou isso aí então ele não está apto para prosseguir, tem alguma coisa errada nisso. E eu dialoguei isso com os outros professores também que chegaram a conclusão de que eu realmente tinha a razão, mas que fecharam a reunião embutido, isso vai dar muito trabalho. Então continuaram com o mesmo esquema chato de prova e eu comprei a ideia, falei assim, não, eu vou

fazer diferente. E todo mundo falou assim, vai dar muito trabalho, eu falei assim, vai, vai dar muito trabalho, mas eu vou fazer diferente. Então eu fiz e todo mundo, todos os professores acharam que os meninos sabendo que as provas de educação física lá não são provas fáceis, eles mesmos já chegaram a conclusão, antes da lista, de que ah, todo mundo vai escolher a mais fácil e eu já com minhas dividas, acho que não! Acho que não primeiro porque a gente trabalha com adolescente, criança podia até ser mas adolescente, e a questão da vaidade?Não vão escolher a mais fácil. Dito e feito, dos 140 alunos e acho que 20 escolheram a prova mais fácil, a grande maioria ficou na intermediaria, mas uns 30 fizeram a prova mais difícil e desses 30, 16 eram da mesma sala. Então isso assim, criou uma expectativa nos meninos dessa escolha da prova o comentário da prova, eles ficaram super ansiosos para receber a prova de uma disciplina que não reprova. Os outros professores já começaram a questionar, como é que funciona isso, esses meninos só falam o tempo inteiro dessa prova de educação física, que um escolheu a fácil e que o outro é louco que escolheu a difícil, que o outro escolheu a intermediária de uma disciplina que nem reprova. É, tem uma coisa aí que a gente precisa realmente avaliar. E os meninos fizeram a prova e fizeram a prova com carinho, assim, fizeram a prova com carinho mesmo. E como no mesmo dia tinham três provas grande, assim difíceis, a prova difícil era toda aberta na maioria das questões, aí eles não se saíram bem na nota, mas deixaram o recado assim, “olha eu não fui muito bem, sei que não fui muito bem na prova porque eu to apertado nas outras disciplinas que caíram no mesmo dia que a prova de educação física e que eu precisei me dedicar um pouco mais para elas”, então eles assim, justificavam porque que a nota não estava sendo boa e prometendo, “mas eu prometo que no quarto bimestre vai ser diferente, a nota vai ser melhor”, e sabem que não reprova. E eu gostei desse novo método assim, e eles já estão preocupados com o quarto bimestre, eles já estão escolhendo antecipadamente qual que vai ser a do quarto bimestre, assim, o quê que eles vão escolher. E isso causou um alvoroço tão pesado na escola que a professora de matemática já veio me procurar, para saber como que eu fiz isso, ela está repensando, em fazer isso também para a matemática e aí ela até colocou essa questão de: “- Eu acho que para a minha eles vão escolher a mais fácil”. Eu falei que não, o aluno que tem mais dificuldade pode ser que ele vai escolher realmente a prova mais fácil e é um direito dele, ele não tem que saber tudo de matemática, eu não sei tudo de matemática, você professora de matemática não sabe tudo de matemática. Pois, a gente fica naquela ilusão de que eles tem que fazer aquilo que eu quero e não é bem por ai, ele tem que fazer o que sabe e você tem que cobrar dele o que ele sabe e a vida dele vai direcionando ali, na vida inteira vai ser assim, ele vai ter aquelas coisas que ele sabe e as coisas que ele não sabe e nem por isso ele vai ser um fracasso. Então ela também já está repensando de mudar a estratégia das questões da prova, e deixar uma prova mais avançada para aquele menino que tem mais facilidade, que gosta daquela disciplina que quer investir futuramente em algo que vai necessitar dela, aí sim, você está valorizando todos, tanto aquele que tem a facilidade quanto aquele que tem a dificuldade, todos sendo valorizados ali dentro da sua condição e acaba com esse trem de tanta recuperação, porque hoje os meninos já estão até assim, fazendo uma, duas, três, quatro e se ele não conseguir de jeito nenhum você tem que

empurrar, é pior! O professor perde a credibilidade, o menino tá mais do que na cara de que não aprendeu nada então para que serve isso? Para a gente continuar entrando no sistema, na estatística do sistema, porque o sistema quer números e o sujeito que se "danem", não estamos preocupados com os sujeitos que está mais do que na cara que não estão. Então eu acho que o professor tem essa função sabe de, profissional e social na formação, então eu acho, acho legal assim. É isso!

Kelly: - E perspectivas futuras, assim, eu sei que você formou agora, você já formou né em psicopedagogia?

Cris: - É!

Kelly: E que estava fazendo cursinho para concurso e quais são seus planos agora que foi nomeada no Pedro II?

Cris: - Eu já tenho esses planos mesmo, agora que eu estou com 36 anos e tenho colocado para mim que em sala de aula eu quero ficar no máximo, no máximo dez anos em sala de aula. Então eu já tenho me organizado de estudar ou para fazer um outro concurso público, as vezes até dentro da área mesmo de educação, um concurso pro MEC pro INEP ou para trabalhar com essas questões de projetos educacionais, para ver agora a educação de cima, apesar de saber que na hora que você se distancia dela você perde, perde o que acontece ali de fato. Mas alguma coisa que eu consiga conciliar, esse setor que trabalha mais com o burocrático da área da educação, de definir normas, projetos e que me dê tempo para desenvolver projetos dentro da escola voluntários. E que são ótimos, porque você não está dentro do sistema, então você pode fazer do jeito que você acha que é certo. Então a minha ideia futura é essa. Ter um cargo, porque eu preciso também me manter, mas não afastar dos projetos voluntários e na escola pública, porque na escola particular é algo que eu penso que até financeiramente compensa, mas não é algo que mexe comigo, assim, eu gosto da escola pública sabe? Que da minha história de dificuldade eu gosto de saber que eu posso fazer algo por alguém até mesmo para minimizar essa diferença social, trabalhar com os meninos essa questão da busca, então eu tenho muito isso comigo. É o que eu tenho organizado para o futuro, escrever um livro... é isso que eu penso. Mas sair da área da educação é difícil, toda vez que eu tentei alguma coisa aconteceu e eu voltei então eu acho que não, o caminho é esse, mas nos outros setores também, conhecer outras coisas.

Kelly: - Então é isso, obrigada!

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

"A vida é o lugar da educação e a história de vida o terreno no qual se constrói a formação".

(Pierre Dominicé,1990,p.167)

Com base no trabalho realizado percebo a importância de conhecer a história de vida de um professor, pois é nela que se compreende sua profissão. As diversas experiências da vida, onde se situam as experiências escolares, influenciam a docência, as escolhas e atitudes perante as dificuldades. O passado está no presente, e permite melhor compreendê-lo. E reconhecido o professor como pessoa, ele pode, enquanto sujeito, ser pensado e valorizado.

A pesquisa permitiu também compreender que as experiências escolares e a história de vida estão intimamente vinculadas à atuação profissional. Por meio da narrativa da história de vida da professora Cristiane Guieiro foi possível perceber que experiências familiares e escolares relacionam-se mutuamente e que a personalidade dela se construiu em meio a conflitos e superações de seu percurso de vida. Em suas aulas e na percepção de seus alunos foi possível identificar traços de sua personalidade que aparecem também em sua narrativa referente à sua infância e experiências escolares, o que corrobora com a ponderação de que "é impossível separar o eu pessoal do eu profissional" (NÓVOA, 2000, p.17).

Durante o momento da entrevista eu me identifiquei com alguns casos narrados pela professora, isso me aproximou de sua vida. E nos momentos em que ela apresentava sua opinião sobre determinados assuntos sobre a educação eu refletia sobre a minha pratica como professora de Educação Física e aprendia com o que ela dizia. Ou seja, eu enquanto entrevistadora pude aprender com a Cristiane e mais uma vez pude identificar, na prática, a relevância do trabalho, pois ele não é apenas para dar visibilidade ao professor e ajudar nas políticas publicas, que ao terem acesso a uma história de vida de professores podem pensar neles na elaboração de propostas para a educação. Mas também é relevante para o professor que se encontra em constante formação, pois por meio da experiência do outro se pode aprender e refletir sobre a prática e até modificar atitudes, comportamento e pensamentos, como aconteceu comigo.

Percebo que é por meio do diálogo que estabelecemos novos conceitos e refletimos sobre nossa prática e este trabalho é uma possibilidade de dialogar experiências com o leitor, que ao conhecer a história de vida de Cristiane poderá (re)pensar sobre sua própria história e se reconhecer como um sujeito, que assume um papel essencial na educação. Pois o primeiro passo para ser reconhecido é fazer a diferença, como aconteceu com a Cristiane.

Este trabalho apresentou o encontro com uma professora protagonista, que se assume como professora de Educação Física e investe em sua formação e atuação e assume seu lugar na formação de sujeitos, expressão disso são os depoimentos de seus alunos, já apresentados no presente trabalho. São várias as questões que podem ser pesquisadas para compreender este fenômeno na formação e atuação de professores. Uma possibilidade de ampliar esse entendimento é entrevistar alunos e/ou outras pessoas do convívio desta professora para conhecer seu ser pessoal e profissional por outro ponto de vista.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. *Ofício de mestre:* imagens e auto-imagens. 13º Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BONDÍA, Jorge Larrosa, *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. In: *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p 20-28, 2002.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. *Com olhos de crianças*: a ludicidade como dimensão fundamental da construção da linguagem e da formação humana. *Licere*, Belo Horizonte, v. 2, p. 105-117, 1999.

DENZIN, N. The Research Act. New York, McGraw Hill, 1978 apud LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação:* abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda. , 1986. 99 p. (Temas básicos de educação e ensino).

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. Pesquisas de histórias de vida na formação docente: vantagens, dilemas, paradoxos e tensões. In: ALVES DE BRITO, Vera Lúcia Ferreira. *Professores*: identidade, profissionalização e formação. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p. 241-252.

DOMINICÉ, Pierre. L'histoire de vie comme processus de formation. Paris: Éditions L'Harmattan, 1990 apud NÓVOA, António. *Vidas de professores*. 2º Edição. Porto: Porto Editora, 2000. 215p.

ESTRELA, Maria Teresa. *Viver e construir a profissão docente*. Porto: Porto Editora, 1997, 224p.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António. FINGER, Matthias. *O método (auto) biográfico e a formação.* Lisboa: Ministério da Saúde/Departamento dos Recursos Humanos, 2010, p. 17-34.

GUIMARÃES, Cristiane Guieiro. *Cristiane Guieiro Guimarães***.** Belo Horizonte, 2013. Entrevista concedida a Kelly Laranjeira Guedes Nunes.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António. *Vidas de professores.* 2º Edição. Porto: Porto editora, 2000, p. 31 – 61.

JUNIOR, Admir Soares de Almeida. *Foto e grafias*: narrativas e saberes de professores/as de Educação Física. 2011. 458 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação:* abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda. , 1986. 99 p. (Temas básicos de educação e ensino).

NÓVOA, António. *Vidas de professores*. 2º Edição. Porto: Porto Editora, 2000. 215p.

SZYMANSKI, Heloisa (org.). ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. PRANDINI, Regina Célia Almeira Rego. *A entrevista na educação:* a prática reflexiva. 4º Edição. Brasilia: Liber Livro Editora, 2011. 101 p. (Série pesquisa, 4).

TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. *O ofício de professor*: história, perspectivas e desafios internacionais. 4º Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 317p.

VIANNA, Heraldo Marelim. *Pesquisa em educação:* a observação. Brasilia: Plano Editora, 2003. 108 p. (Série Pesquisa em Educação, v.5)